



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Talita Bárbara Costa de Oliveira

O DEMÔNIO ESTÁ À SOLTA:

Ressignificações na linguagem do rito de exorcizar e sua eficácia em manifestações
religiosas brasileiras — carismáticos e neopentecostais

BELO HORIZONTE

2024

Talita Bárbara Costa de Oliveira

O DEMÔNIO ESTÁ À SOLTA:

Ressignificações na linguagem do rito de exorcizar e sua eficácia em manifestações religiosas
brasileiras — carismáticos e neopentecostais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Linha de pesquisa: Pluralismo Religioso, Diálogo e Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Geraldo Cantarela.

BELO HORIZONTE

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

O48d Oliveira, Talita Bárbara Costa de
O demônio está à solta: ressignificações na linguagem do rito de exorcizar e sua eficácia em manifestações religiosas brasileiras - carismáticos e neopentecostais / Talita Bárbara Costa de Oliveira. Belo Horizonte, 2024.
89 f. : il.

Orientador: Antônio Geraldo Cantarela
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Linguagem - Aspectos religiosos. 2. Sinais e símbolos. 3. Exorcismo - Rituais. 4. Possessão diabólica. 5. Pluralismo religioso. 6. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 7. Pentecostalismo. I. Cantarela, Antônio Geraldo. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 235.2

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Talita Bárbara Costa de Oliveira

O DEMÔNIO ESTÁ À SOLTA:

Ressignificações na linguagem do rito de exorcizar e sua eficácia em manifestações religiosas
brasileiras — carismáticos e neopentecostais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais, como
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Prof. Dr. Antonio Geraldo Cantarela - PUC Minas (Orientador)

Prof. Dr. Gabriel Elysio Maia Braga - Unicentro Paraná (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz- PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho - PUC Minas (Suplente)

Belo Horizonte, 04, dezembro de 2024

AGRADECIMENTO

Ao Professor e Doutor Antônio Geraldo Cantarela, primeiro por me aceitar como orientador sem mesmo nos conhecermos, e pela paciência e dedicação na orientação, que só veio a me enriquecer como acadêmica e como pessoa.

Aos nobres colegas integrantes do Grupo Religião, Pluralismo e Diálogo, mais conhecido como REPLUDI, que todas as últimas sextas-feiras de cada mês se juntam para compartilhar aprendizados e histórias.

A secretaria de pós-graduação (em especial a Dênia e Walisson), que me atenderam em qualquer hora que precisava.

Aos meus pais que sempre me deram apoio para seguir qualquer caminho que eu quisesse, mesmo que esses caminhos fossem não convencionais, digamos assim, como Antropologia, Arqueologia, Ciências Forenses e quem dirá Ciências da Religião.

Ao meu irmão, que nunca deixou, eu desisti, principalmente por ser mulher e escolher profissões que a predominância é de homens. Sempre me incentivou a buscar por mais e ser mais.

Ao meu companheiro que sempre apoiou qualquer coisa que quisesse fazer. Em certos dias acordava e falava com ele, hoje farei faculdade disso, e ele sempre dizia, lá vamos nós outra vez. Mas, em nenhum momento ele me deixou desistir. Acordei esses dias e disse, assim que terminar o mestrado farei o doutorado, advinha o que ele falou.

Por fim, mas não menos importante, diria que é o mais importante atualmente, ao Heitor, que ao escrever essas palavras ainda está em meu ventre, mas que já amo acima de tudo. Que escrevendo essa dissertação, dormia enquanto lia algum texto, e quando eu parava, ele acordava pedindo para ser ninado no ventre aos escritos de Ricoeur, Libânio, Eliade, Bourdieu, Berger, entre outros.

É cada vez mais difícil vender a alma ao Diabo, por excesso de oferta.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O ritual do exorcismo no Brasil nas últimas décadas vem ganhando cada vez mais espaço, principalmente quando falamos em manifestações neopentecostais. Por essa manifestação, um ritual que por um longo período fora realizado em sua maioria ocultamente (séculos XVIII-XIX), hoje podemos assisti-lo até pela televisão. É nesse sentido, portanto, que se insere o presente trabalho, visando analisar as ressignificações na linguagem simbólica que esse ritual vem sofrendo, mediante determinantes sociais e políticos e, como esses afetam sua eficácia. Bem como, buscar-se-á compreender a importância deste estudo para as Ciências da Religião. Trata-se de uma pesquisa descritiva abordando uma revisão bibliográfica interdisciplinar, buscando abordar desde o que entendemos por ritos e simbólica do Mal, e como a Igreja Universal do Reino de Deus e algumas comunidades do movimento Renovação Católica Carismática tratam o ritual na atualidade. Dentre os principais resultados, destaca-se a fluidez dos ritos, conseguindo se adaptar as diferentes configurações sociais, todavia essa adaptação precisa ser mediada por autoridades religiosas. Por fim, este trabalho, por meio da análise do ritual de exorcismo, visou compreender como as linguagens simbólicas afetam o indivíduo e a sociedade que está ao seu redor.

Palavras-chave: Ritual do Exorcismo; Linguagem Simbólica; Ressignificação; Pluralismo Religioso; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

The ritual of exorcism in Brazil has been gaining more and more space in recent decades, especially when we talk about neo-Pentecostal manifestations. Due to this manifestation, a ritual that for a long time was mostly performed in secret (18th-19th centuries), today we can watch it even on television. It is in this sense, therefore, that this work is inserted, aiming to analyze the resignifications in the symbolic language that this ritual has been undergoing, through social and political determinants, and how these affect its effectiveness. As well, it will seek to understand the importance of this study for the Sciences of Religion. This is a descriptive research addressing an interdisciplinary bibliographic review, seeking to address from what we understand by rites and symbolism of Evil, and how the Universal Church of the Kingdom of God and some communities of the Catholic Charismatic Renewal movement treat the ritual today. Among the main results, the fluidity of the rites stands out, being able to adapt to different social configurations; however, this adaptation needs to be mediated by religious authorities. Finally, this work, through the analysis of the exorcism ritual, aimed to understand how symbolic languages affect the individual and the society around them.

Keywords: Exorcism Ritual; Symbolic Language; Resignification; Religious Pluralism; Interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

Imagens 1 e 2: Tigelas de Encantamentos.....	25-26
Imagem 3: A Tapeçaria do Apocalipse.....	32
Imagem 4: Como o Diabo mudou de cara e função ao longo dos séculos.....	33
Imagem 5: Êxtase de Santa Teresa.....	34
Imagem 6: Ilustração no livro <i>Divina Comédia</i> de Dante Alighieri.....	35
Imagem 7: Ilustração no livro <i>Paraíso Perdido</i> de John Milton.....	36
Imagem 8: Mefistófeles ou Mefisto é a figura do próprio Diabo chefe.....	36
Imagem 9: O Diabo volta a atormentar.....	38
Imagem 10: Sumário da Revista.....	38
Imagem 11: Exorcistas no Brasil.....	41
Imagem 12: Primeira Missa no Brasil, 1860.....	43
Imagem 13: Padre batizando indígenas.....	45
Imagens 14 e 15: Vela e Veleiro.....	54
Imagem 16: Cruz de Caravaca.....	55
Imagem 17, 18 e 19: Folder de oração de exorcismo.....	56-57-58
Imagem 20: Primeira Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil. Rio de Janeiro 1977.....	66
Imagem 21: Show do Padre Marcelo Rossi.....	68
Imagem 22: Árvore Genealógica.....	69
Imagem 23: Cartaz do documentário <i>Santo Forte</i>	72
Imagem 24: Porcentagem de brasileiros que acreditam em Deus.....	75
Imagem 25: Objeto simbólico esculpido em osso de cervo por Neandertais.....	80

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIE	Associação Internacional dos Exorcistas
BBC	British Broadcasting Corporation
IC	Igreja Católica
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
MCC	Movimento Católico Carismático
NBC	National Broadcasting Company
RCC	Renovação Católica Carismática

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	LINGUAGEM SIMBÓLICA NOS RITOS RELIGIOSOS.....	17
2.1	Ritos e símbolos.....	17
2.2	Linguagem simbólica, comunicação religiosa e ritos.....	22
2.3	Concepções do Mal.....	25
3	RITOS DE EXORCIZAR EM MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS BRASILEIRAS.....	42
3.1	3.1 Rituais de exorcismos no período colonial brasileiro.....	42
3.2	3.2 <i>Sai em nome de Jesus!</i> ; exorcismos realizados hoje em dia na Igreja Universal do Reino de Deus.....	47
3.3	3.3 <i>Vade retro, Satana!</i> ; exorcismos realizados por católicos carismáticos na atualidade.....	52
4	RESSIGNIFICAÇÕES NA SIMBÓLICA E SUA EFICÁCIA.....	62
4.1	Fatores que levaram a mudanças na linguagem simbólica no ritual de exorcizar no Brasil.....	64
4.2	A eficácia do ritual do exorcismo foi afetada pelas mudanças?.....	70
4.3	O papel dos rituais nas Ciências da Religião.....	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
6	REFERÊNCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

Sabem, acho que prefiro ser homem do que deus. A gente não precisa de ninguém para acreditar na gente. A gente vai seguindo em frente de qualquer jeito. É o que fazemos. (Neil Gaiman)

Escrevendo essa dissertação percebi que já estou nesta empreitada sobre ritual do exorcismo há mais de dez anos. Com isso já me fizeram vários tipos de perguntas, como as clássicas: “você já viu um ritual de verdade?”, “eles giram a cabeça?”, “vomitam verde?”, “você acredita em demônios?”. Sempre respondo a essas perguntas, mas aproveito para explicar academicamente o que é estudar sobre este ritual levando as pessoas a entenderem que é um trabalho sério e necessário. Sério, pela importância de seu estudo tanto academicamente quanto para a sociedade, respeitando sempre todos os que creem neste rito. Necessário, pois, abordando este tipo de ritual, caminhamos pela linguagem simbólica das coisas alcançando mundos transcendentais (Eliade, 1989). Não é de agora que esse ritual vem sofrendo mudança, os rituais em si têm a característica de se adaptarem às transições sociais (Leach, 1966), alguns conseguem se adequar ao meio, outros se extinguem como explica Peirano, “por meio da análise de rituais, podemos observar aspectos fundamentais de como uma sociedade vive, se pensa e se transforma – o que não é pouco” (Peirano, 2003, p. 51). Deste modo, nesta dissertação, visaremos entender como as mudanças na forma de realizá-lo pode ter afetado sua eficácia. Dentro deste contexto, este trabalho procurar-se-á realizar uma contribuição seguindo uma árvore do conhecimento nas áreas das Ciências Empíricas da Religião, perpassando pelas subáreas disciplinas que trabalham com o tema religião, símbolos e ritos, alcançando uma subárea da História das Teologias e Religiões.

Sendo assim, abordaremos sobre símbolos, objetos materiais e/ou imateriais, assim como, manifestação corpórea, buscando compreender o funcionamento dos ritos, alcançando um mundo que vai além de descrições. Estudando ritos, alcançamos outros aspectos da vida dos indivíduos, como suas relações sociais, políticas, antropológicas que afetam todo o conjunto de vivências de um grupo. O ritual de exorcismo não é apenas algo para escrever em uma revista de curiosidade, a partir de seus estudos, planejamos entender o quanto ele pode afetar os indivíduos caso ele não ocorra como esperado. E para pensarmos nisto, precisei caminhar pela Antropologia, Arqueologia, História da Religião, Ciências Forenses, Psicanálise, que me

abriram um caminho distinto para pensar sobre esse rito e, se não fossem por elas, não entenderia que as Ciências da Religião deveria ser meu próximo caminho.

Por isso, ao passar por elas percebi que este assunto deveria seguir por outra direção e encontrei nas Ciências da Religião o que procurava. Deste modo, por meio do pluralismo religioso, diálogo e principalmente através da linguagem (sendo este nosso foco), abordaremos sobre o ritual do exorcismo no Brasil, seguindo as manifestações neopentecostais, em mais específico a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e a Renovação Católica Carismática (RCC). Observando como esse ritual foi desenvolvendo mediante mudanças sociais e políticas, principalmente a partir do decênio de 1970 até atualidade.

Sendo assim, a partir desse contexto, esta pesquisa levanta o seguinte problema: devido às mudanças sociais, políticas e religiosas no país, como isso afetou a função do ritual do exorcismo. Com base nisso, o objetivo geral deste trabalho será investigar se essas mudanças afetaram a eficácia do ritual.

Mas antes de focarmos no Brasil, no capítulo *Linguagem simbólica nos ritos religiosos* será dedicado ao funcionamento de ritos e seus símbolos. Neste capítulo, trataremos das fundamentações teóricas que nos oferecerão suporte para alcançar o objetivo deste trabalho. A partir de diversos autores, buscando seus diferentes significados, encontramos várias abordagens sobre este tema nas ciências humanas, e cada autor tem concepções diversas sobre o assunto (Eliade, 2022; Durkheim, 2021; Segalen, 2002; Van Gennep, 2013; Peirano, 2003; Durand, 2023). Assim, será interessante falarmos um pouco sobre essas visões para que, no final, possamos escolher qual abordagem melhor será empregada para o nosso estudo. Assim, discutidos ritos, símbolos e suas linguagens simbólicas, atentaremos sobre a ideia do Mal e como este surgiu em nossa sociedade, pois lembramos que o objetivo do ritual do exorcismo é justamente derrotar esse Mal, mas que mal seria esse?

Nosso foco será a concepção do Mal no cristianismo, como ele é desenvolvido no livro de Gênesis e como foi progredindo tanto quanto em essência metafísica quanto personagem físico literário. E isso, será feito percorrendo alguns séculos pela Europa a partir de estudos de alguns religiosos que se dedicaram a este assunto (o demônio), tentando provar sua existência e/ou eliminá-los da face da terra (Leibniz, 1710; Menghi, 1577). Buscaremos também em cientistas sociais, historiadores, entre outros, que dedicam seus estudos a abordagem do Mal na história das sociedades (Ricoeur, 2013; Braga, 2022; Muchembled, 2001).

Há quatro sintomas constantes da verdadeira possessão, dizem os exorcistas, e a lista tem permanecido imutável desde os tempos medievais: manifestar uma força sobre-humana; falar em linguagens ou em línguas que a vítima não conhece; revelar um conhecimento, longínquo ou secreto, que a vítima não tem como saber; proferir

imprecações furiosas e manifestar aversão aos símbolos sagrados. (Wilkinson, 2008, p. 44).

Se existem trabalhos sobre a concepção do Mal e sobre exorcismos, qual seria a necessidade desta pesquisa? Pois bem, há muitos estudos em diversas ciências sobre ritos, símbolos, sobre a IURD e a RCC no Brasil, entretanto sobre a ressignificação do ato de exorcizar causado por determinantes sociais, ainda há muito a se estudar. Temos, por exemplo, o trabalho do historiador Gabriel Elyσιο Maia Braga (2022), que foca na evolução deste ritual, todavia sua análise é na França nos séculos passados. Temos Leonildo Campos (1997; 2023), Pedro Ari Oro (2023), Daniel Rocha (2011; 2012; 2021), Thomas Csordas (2008), com trabalhos dedicados sobre as diversas relações que a IURD possui com a sociedade brasileira, mas não focam no ritual de exorcismo e suas ressignificações. Já no campo da RCC, temos nomes como Brenda Carranza (2006) e Roque Toscano (2023), que buscam abordar sobre o crescimento desta manifestação no país. E quando falamos de Brasil, temos Laura de Mello e Souza (1986) e Emiliano Unzer Macedo (2008), focando na religiosidade brasileira no período colonial, buscando compreender como foi desenvolvendo o sincretismo religioso neste período. Enfim, há muitos trabalhos recorrentes sobre essas manifestações religiosas e rituais, mas destacando o tema deste trabalho podemos dizer que ainda há muito caminho a percorrer.

Deste modo, no capítulo, *Ritos de exorcizar em manifestações religiosas brasileiras*, será apresentado como as manifestações religiosas abordadas neste trabalho utilizam o ritual do exorcismo como ferramenta para atrair novos membros. No primeiro subtópico focaremos sobre o ritual de exorcismo no Brasil colônia, como essa concepção de exorcizar foi trazida ao país pelos colonizadores, e como as outras religiões que aqui já estavam e outras também trazidas, reagiram sobre isso. É típico das religiões demonizar aquilo que consideram errado, assim, os portugueses, com o seu catolicismo, ditaram que o errado era adoração de deuses que não fossem os seus. E aqui (no país), encontraram os Deuses de povos originários, Deuses de religiões matrizes-africanas. Dessa forma, trataram o país como um grande local de perdição, e eles seriam a salvação. Com os jesuítas pregando sobre o "Deus verdadeiro", o Brasil se tornaria um lugar livre dos demônios, se tornando um segundo paraíso.

Na década de 1970, a IURD seguiu o mesmo caminho. O Brasil vivia sob uma ditadura, onde a liberdade de expressão era vetada e tudo era rígido e restrito. A classe baixa, que já era ignorada, fora mais ainda. Ao se deparar com uma Igreja que te ouvia como pessoa, entendia seus problemas e, ainda por cima, dizia que esses problemas não eram culpa sua, mas de inimigos externos que poderiam ser exorcizados, foi a chance que essas pessoas precisavam.

Com base nesse mesmo pensamento, surgiu a Renovação Católica Carismática, aproveitando que a Igreja Católica tradicional a reconhecia, mas lhe permitia certa independência, visando estabelecer um diálogo que as classes populares pudessem compreender e se reconhecer. Com o golpe de 1964 encerrou um período de intensa mobilização política na sociedade brasileira. Após a derrota da esquerda armada, surgiram novas formas de oposição ao governo militar, como a influência da Teologia da Libertação. Essa corrente teológica, composta por intelectuais vinculados à Igreja Católica, propunha uma mudança na estrutura da igreja e na forma de viver a fé, com o objetivo de desafiar a ordem capitalista. A Teologia da Libertação pretendia modificar o pensamento teológico e promover uma mudança intelectual e moral entre os católicos, ao se comprometer politicamente com os pobres e desafiar a visão tradicional da teologia baseada na sociedade capitalista. A ideia era desenvolver uma teologia que se relacionasse a realidade e o momento histórico, tendo em vista que todo pensamento teológico teria implicações políticas. Dessa forma, a Teologia da Libertação procurou fornecer uma abordagem mais adequada para compreender e lidar com os problemas sociais e econômicos da região, enfatizando a importância da luta de classes e criticando a teologia tradicional por se conformar com a estrutura capitalista.

Semelhantemente a IURD, buscou compreender o que a classe média estava enfrentando naquele momento e notou que o temor do Mal estava solto. O cinema estava aumentando esse medo com diversos filmes sobre o demônio. Além disso, as condições políticas e sociais do país ajudavam a aumentar esse medo¹.

Enquanto isso, na cultura popular, o interesse pelo exorcismo estava retornando, em parte como reação a uma proliferação constatada da magia negra e dos cultos satânicos. A volta do exorcismo também foi estimulada pelo crescimento do movimento católico da Renovação Carismática, nas décadas de 1970 e 1980, uma facção pentecostal que acredita em curas e em profecias. (Wilkinson, 2008, p. 65).

¹ Há um fenômeno midiático denominado *Pânico Satânico*, esse fenômeno moral e social, nascido nos Estados Unidos em 1980, levantava supostas ideias de abusos infantis ligados a rituais em adoração ao diabo. Os casos na época investigados não deram nenhum resultado. Todavia, esse fenômeno tornou-se popular principalmente em casos de conspiração. Nos últimos 5 anos, ele vem ganhando novamente forças entre grupos que são contra vacinas e não acreditam no coronavírus. Segundo esses grupos, esses assuntos seriam obras de forças malignas para enganar as pessoas. No Brasil, em 2022, tivemos um caso de *Pânico Satânico*, o assassino Em Série Lázaro Barbosa, em suas cenas de crimes foram encontrados objetos que seriam de rituais ao diabo, entretanto ao ser analisados por peritos especialistas, conclui-se que esses objetos deixados estavam relacionados a algum distúrbio mental do acusado e/ou até mesmo usado como estratégia para enganar as autoridades sobre os reais motivos dos crimes. Mas, de todo modo, ao falar-se desses objetos, foi o suficiente para alimentar a mente das pessoas que começaram a disseminar que ele estava cometendo esses crimes por adoração do demônio.

No capítulo *Ressignificações na simbólica e sua eficácia*, dedicarmo-nos a entender como os fatores impostos pela sociedade podem influenciar a vida religiosa de um grupo e como as Ciências da Religião podem interpretar esses dados. Assim, após analisar como funciona a linguagem simbólica dos ritos e como são realizados os rituais de exorcismos na Igreja Universal do Reino de Deus, e nas Igrejas Renovação Católica Carismática, poderemos abordar se durante esses anos e com as mudanças políticas, sociais e religiosas, a eficácia do ritual teria sido afetada.

Durante muitos séculos, se discutia sobre o ritual de exorcismo no cristianismo, que consistia em um rito fechado e rigoroso. Rigoroso no sentido de ser realizado somente depois das autoridades religiosas tentarem ajudar o indivíduo que estaria sofrendo de uma possível "possessão", procurando em outras formas, como ajuda psicológica e medicamentosa. Se essas medidas não funcionassem, o problema seria resolvido através do ritual. Atualmente, no Brasil, temos a IURD e a RCC realizando atividades diárias, acessíveis a qualquer pessoa, inclusive com transmissão em rede aberta. Será que essa nova abordagem diminuiu a sua eficiência?

Ao abordar sobre eficácia simbólica, Pierre Bourdieu traz um trabalho minucioso sobre o assunto. Segundo ele: “Para que o ritual funcione e opere, primeiro é preciso que ele se apresente e seja percebido como legítimo” (Bourdieu, 1996, p. 93). Portanto, para que ele pudesse ser modificado sem prejudicar o resultado, foi necessário relegitimá-lo, e foi isso que as igrejas neopentecostais fizeram. Por exemplo, utilizam a própria Bíblia, onde Jesus Cristo pede aos seus seguidores para realizar exorcismos em pessoas necessitadas. Dessa forma, ao utilizar este discurso para demonstrar o aumento do Mal nos últimos anos, os seguidores não apenas reconhecem sua legitimidade, mas também sua necessidade.

Nos séculos XIX e XX, estudiosos interessados em pesquisar a religião imaginavam uma vida religiosa racional, na qual a crença na magia seria abandonada. No entanto, especialmente no Brasil, com as igrejas pentecostais e neopentecostais nos últimos anos, tem-se observado a volta desse pensamento mágico e a crença no sobrenatural como o responsável pela sua felicidade ou não. O paraíso não é mais visto como algo posterior à morte, mas, se vencermos o inimigo hoje, tudo o que desejamos alcançaremos na atualidade. E isso é relevante para uma população, sobretudo de classe baixa, que sofre todos os dias. As autoridades religiosas utilizam uma resignificação simbólica já conhecida pelos membros da instituição, o que acelera a assimilação e a crença.

Nas considerações finais, serão apresentadas as conclusões do trabalho, relacionando os objetivos inicialmente estabelecidos com os resultados alcançados. Há, ainda, propostas de

continuidade da pesquisa desenvolvida a partir das experiências adquiridas durante a execução deste trabalho.

Antes de prosseguirmos, cabe-nos fazer algumas ponderações. Em relação às religiões e aos religiosos, os nomes dos seus deuses serão registrados neste trabalho com letra maiúscula. Este trabalho não tem como objetivo comprovar se alguém está possuído ou não, e se os demônios são reais ou criação de uma cultura. Tomamos as palavras de Lewis, quando escreve, “Portanto, não nos cabe julgar quem está ou não realmente ‘possuído’. Se alguém é, em seu próprio meio cultural, considerado em termos gerais como possuído por um espírito, então essa pessoa está possuída.” (Lewis, 1977, p. 52). Assim, examinaremos o ritual de exorcismo, levando em conta sua reconfiguração e eficiência. O propósito desta investigação é colaborar com as Ciências da Religião, fornecendo uma maneira de compreender o ser humano por meio da análise dos rituais.

a Ciências da Religião defende uma postura epistemológica específica baseada no compromisso com o ideal da “indiferença” diante do seu objeto de estudo. Trata-se de uma técnica de observação e descrição que na literatura especializada é frequentemente associada a termos como “ateísmo metodológico” ou “agnosticismo metodológico”. Comprometido com este ideal, o cientista da religião exclui da sua agenda a questão da “última verdade” e não se permite avaliar aspectos religiosos em comparação com as normas de outra religião ou com quaisquer outros critérios ideológicos. (Ursarski, 2013, p. 51).

Em suma, os rituais estão presentes há milhares de anos. A arqueologia tem demonstrado, por meio de vestígios deixados, que, a partir do momento em que as pessoas começam a conviver em grupos, os rituais começam a surgir. Dessa forma, é relevante a interdisciplinaridade, pois as outras disciplinas nos ajudam a compreender o indivíduo da mesma forma que pensamos no pluralismo religioso, onde diversas religiões interagem, podendo ser estudada pelas Ciências da Religião.

2. LINGUAGEM SIMBÓLICA NOS RITOS RELIGIOSOS

*Quando lá no alto os céus ainda não tinham nome,
Quando cá embaixo a Terra ainda não era chamada por um nome,
Quando o primordial Apsû, que os gerou,
E quando Mummu, e Tiamat, mãe de todos
Confundiam em um único todo suas águas...
(Enuma Elish)*

Neste capítulo, serão discutidas algumas teorias e conceitos sobre linguagem simbólica e ritos, sendo estes dois elementos interdependentes um do outro. Elaboraremos uma abordagem *en passant*, acerca das prováveis origens dos ritos, juntamente com seus símbolos. Este breve caminho nos dará suporte para que, dessa forma, possamos falar sobre ritos e símbolos ligados à religião cristã. Como escreveu o arqueólogo Leroi-Gourhan:

Porque o homem do futuro é incompreensível se não se entendeu o homem do passado. Acredito que tudo o que há de possibilidade, de virtualidade dinâmica na espécie humana exige ser apreendido desde a sua base e acompanhado tranquilamente até ao seu desenvolvimento final. (Leroi-Gourhan, 1982, p. 222, tradução nossa²).

Sendo assim, cada tópico abordado nesse primeiro capítulo corresponde aos conceitos do desenvolvimento da linguagem simbólica e de como os ritos se desenvolveram em algumas culturas, a ponto de haver a necessidade do ritual do exorcismo e como este sobreviveu na história. O primeiro capítulo terá como foco a cultura europeia, pois será a partir dela que iniciaremos o caminho para a sociedade brasileira, que será discutida no capítulo seguinte.

Para tanto, realizaremos um trabalho interdisciplinar, ao qual os autores das fontes que utilizaremos são representantes de diversas áreas das ciências humanas que contribuíram e contribuem para compreendermos um pouco mais o ser humano, principalmente em suas religiosidades cujo caminho passa pelos símbolos materiais e imateriais assim como, os diversos tipos de rituais existentes.

Finalmente, antes de nos aprofundarmos no assunto deste capítulo, todo o nosso percurso nos ajudará a compreender o último tópico dele, que é a mudança na concepção do Mal nos últimos séculos, a qual teve um impacto direto na religião cristã e nas práticas de exorcismo.

2.1 Ritos e símbolos

² No original: Parce que l'homme du futur est incompréhensible si l'on n'a pas compris l'homme du passé. Je crois que tout ce qu'il y a de possibilites, de virtualité dynamique dans l'espèce humaine demande à être saisi depuis se base et suivi paisiblement jusqu'à son developpement final. (LEROI-GOURHAN, 1982, p. 222).

Era uma vez, em um país que ainda não sabia que seria chamado assim um dia, e nem sabia o que significava a palavra país; um grupo de *Homo sapiens*, estava andando perto de Cantábria, logo ali na Espanha, em busca de algo para se refrescar. O dia estava bastante ensolarado e com um calor insuportável quando, repentinamente, sem qualquer sinal de aviso, começou a chover. Aquilo parecia um milagre, um dia de verão, com temperaturas de 38° graus. Não havia nem um vendedor de picolé por perto, mas uma chuva divina e refrescante surgiu no meio do nada.

Esse grupo, que era novo naquela região e naquele mundo, pensou, então, que deveria haver alguma força sobrenatural que os ajudou, pois, justo quando mais precisavam, veio a chuva. Deste modo, surge então uma Deusa da chuva e, tudo que fora relacionado a água foi lhe dado como símbolo e, ritos foram criados em seu nome.

Essa história pode não ser totalmente verdadeira, mas como as musas disseram a Hesíodo: “Sabemos muitas mentiras dizer semelhantes a coisas autênticas, e sabemos, quando queremos, verdades proclamar” (Teogonia, versos 26–27). Ou seja, é assim que nascem os mitos, ritos e símbolos; pessoas passam por certas experiências e as transmitem para outros; cada vez que é recontada, novos elementos vão surgindo. Sabe-se que os primeiros *Homo sapiens* criaram toda uma estrutura simbólica para descrever intempéries naturais³ (como fenômenos meteorológicos) sobre os quais conviviam, mas não sabiam explicar, e com isso, os deuses — do latim deus, *daus*, que significa ser supremo ou entidade superior — foram ganhando nomes e funções.

Não foi por acaso abrir este capítulo com um mito de deus chuva. De acordo com Mircea Eliade, ao analisar mitos criadores de diferentes grupos, a água é sempre o elemento primordial.

Princípio do indiferencial e do virtual, fundamento de toda manifestação cósmica, receptáculo de todos os germes, as águas simbolizam a substância primordial de que nascem todas as formas e nas quais elas voltam, por regressão ou por cataclismo. Elas foram no princípio e voltarão no fim de todo ciclo histórico ou cósmico; (Eliade, 2022, p.159).

As águas, geralmente, estão ligadas ao início, ao nascimento e à criação das coisas. Os mitos da chuva como um renascer de uma nova vida na terra. Eliade apresenta um ritual da Grécia Antiga no qual sacerdotes ofereciam sacrifícios para invocar a chuva:

³ No livro, *Assim caminhou a humanidade*, Autores: Walter Neves, Rui Murrieta e Miguel José Rangel Junior. Editora: Palas Athena; 1ª edição (9 maio 2015). Os arqueólogos explicam como a nossa espécie em tempos primórdios, traduziu como interferência divina, os fenômenos naturais que ainda não entendiam, como: chuva, trovão, frio, calor, etc.

quando grassava a seca, o sacerdote do deus Licaio fazia ali sacrifícios e jogava na fonte um ramo de carvalho. O rito é muito antigo e enquadra-se no conjunto “magia da chuva”. De fato, conta Pausânias, após a cerimônia um sopro leve como uma nuvem levantava-se da água e logo começava a chover. (Eliade, 2022, p.171).

No entanto, simbolismo e rituais já faziam parte da vida dos *Homo sapiens* muito antes da Grécia Antiga. Eliade descreveu que pinturas rupestres (representações artísticas pré-históricas feitas principalmente em paredes) no período paleolítico já demonstravam rituais e manifestações religiosas em adoração a algum tipo de divindade e artefatos que seriam ou teriam símbolos ritualísticos.

É também provável que certos ritos fossem celebrados nas zonas mais profundas dos “santuários”, talvez antes de uma expedição de caça ou por ocasião daquilo que se poderia denominar a “iniciação” dos adolescentes. Explicou-se uma cena da gruta dos Três Irmãos como a representação de um dançarino. [...] Trata-se, aliás, de um comportamento ritual específico dos povos caçadores contemporâneos. (Eliade, 2010, p.30)

Nos períodos posteriores (neolítico e idade dos metais), os rituais e símbolos foram se desenvolvendo de forma cada vez mais intensa. Como é demonstrado pela historiadora Regina Bustamante, na Roma antiga, a vida do indivíduo não era separada entre social, política e religiosa, tudo regia em torno da religião. As pessoas viviam em harmonia com os Deuses e vice-versa, “não havia distinção entre o laico e o religioso; a religião estava onipresente: abrangia tanto a vida privada quanto a pública.” (Bustamante, 2011, p.1).

Havia culto aos Deuses tanto nos templos quanto em casa. Os cultos domésticos, como chamados, eram realizados pelo pai da casa e os rituais devidos eram ensinados somente aos filhos. As filhas ajudavam até se casarem e, a partir disto, auxiliava o marido que realiza outros ritos de cultos domésticos.

o *pater familias* era, portanto, o ministro do culto doméstico tendo como coadjuvante sua esposa. Ele ensinava ao seu filho as preces, os hinos e todas as práticas da sua religião doméstica, pois este devia substituí-lo como ministro quando morresse. Se o pai não tivesse um filho, podia adotar um jovem a fim de perpetuar o culto doméstico. As meninas participavam do culto doméstico do seu pai somente até o casamento. (Bustamante, 2011, p.11).

Eram os rituais que mantinham essa harmonia, caso algo não os seguisse rigorosamente, eles poderiam não ser eficazes, prejudicando a comunidade. Tudo era regido pelo religioso, feriados, celebrações, colheitas e calendários foram realizados por meio de estruturas religiosas, “o calendário oficial da cidade como dias nefastos, *dies religiosi*, ou seja, dedicados aos deuses e não propícios às atividades humanas.” (Bustamante, 2011, p.2). De acordo com Pierre Bourdieu, a sociedade se manifesta através do poder simbólico que “autoridades” exercem em um tipo de manual (tabus e/ou livros sagrados), o que leva as pessoas a crer nele: De acordo

com Pierre Bourdieu, a sociedade se manifesta através do poder simbólico que "autoridades" exercem em um tipo de manual (tabus e/ou livros sagrados), o que leva as pessoas a crer nele:

o poder simbólico não reside no “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada — e por meio desta — entre os que exercem o poder e os que lhe são sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. (Bourdieu, 2022, p. 11).

De acordo com o sociólogo Émile Durkheim, a base para a criação de todos os sistemas sociais foi a religião:

Sabemos, desde há muito tempo, que os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Não há religião que não seja, ao mesmo tempo, a cosmologia e especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião é porque a própria religião, no princípio, fazia às vezes de ciência e de filosofia. Mas o que menos observado é que ela não se limitou a enriquecer, com certo número de idéias, um espírito humano previamente formado; ela contribuiu para formá-lo. (Durkheim, 2021, p. 37–38).

Para Durkheim, dentro deste religioso há o puro e o impuro, duas variedades de um mesmo gênero do qual aborda todas as coisas sagradas. Tudo o que é considerado santidade é expresso no rito. Contudo, desde o início deste trabalho, temos conversado sobre ritos e símbolos, e o que isso realmente significa? De acordo com o parecer da etnóloga Martine Segalen:

Rito, ritual, cerimônia, festa: qual é o conteúdo semântico? Segundo o linguista Émile Benveniste, a palavra “rito” teria vindo de *ritus*, que significa “ordem prescrita”, termo associado a formas gregas tais como *artus* “ordenação”, *ararisko* “harmonizar”, “adaptar” e *arthmos*, que evoca o “laço”, a “junção”. Com a raiz *ar* que deriva do indoeuropeu védico (*rta*, *arta*), a etimologia remete essa análise à ordem do cosmo, à ordem das relações entre os deuses e os homens, à ordem dos homens entre si. (Segalen, 2002, p.17)

De acordo com o antropólogo Van Gennep (2013), o rito é composto por três etapas: I. Separa a pessoa do mundo profano. II. Afaste-o do seu dia a dia. III. É celebrada uma confirmação de que o afastamento foi bem-sucedido e, agora, ele pode retornar à comunidade. Ele sustentava que os ritos religiosos e profanos seriam de suma importância para a interação social. No entanto, Durkheim e Van Gennep concordavam que o ritual seria algo do passado e que, à medida que as sociedades se desenvolvessem, os rituais ficariam para trás. Felizmente, esse pensamento também ficou para trás, pois "em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais" (Peirano, 2003, p.7). A antropóloga Marisa Peirano aborda essas questões sobre rituais na atualidade. De acordo com ela, tratamos o ritual como algo banal, algo do passado, tornando-o rígido, mas nunca o abandonamos. Eles estão presentes nos jogos de futebol, nos casamentos (Peirano, 2003, p.9) e, porque não, nos momentos de cura e libertação.

Os ritos eram parte das sociedades de antigamente e continuam sendo, hoje em dia. Podem ser sagrados ou profanos (sagrado e profanos não são dicotomias) e: “são bons para transmitir valores e conhecimentos e próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais.” (Peirano, 2003, p.12). Em outras palavras, ritual é um sistema de comunicação simbólica, que pode ser expressa de maneira material ou imaterial, de acordo com Gilbert Durand:

seria mesmo, segundo P. Godet, o inverso da alegoria: ‘A alegoria parte de uma ideia (abstrata) para chegar a uma figura, enquanto o símbolo é em primeiro lugar e em si figura e, como tal, fonte, entre outras coisas, de ideias.’ Porque o que é próprio do símbolo é ser, contrariamente ao carácter centrífugo da figura alegórica em relação à sensação, centrípeto. O símbolo, como a alegoria, é recondução do sensível, do figurado ao significado, mas também, pela própria natureza do significado inacessível, é *epifania*, ou seja, aparição, através do e no significante, do indizível. (Durand, 2023, p.12–13).

O símbolo pode ter definições primárias, que teriam um significado único ou diversos outros, sejam eles abstratos ou concretos, reais ou imaginativos. Um mesmo símbolo pode ter significados distintos em diferentes sociedades.

Os símbolos possuem vários caracteres sendo indivisível e visível:

Enquanto num simples signo o significado é limitado e o significante, ainda que arbitrário, é infinito; enquanto a simples alegoria traduz um significado finito por um significante não menos delimitado, os dois termos do *symbolon* são por sua vez, infinitamente abertos. O termo significante, o único concretamente conhecido, remete em ‘extensão’, se assim podemos dizer, para todas as espécies de ‘qualidades’ não figuráveis, e isto até à antinomia. É por isso que o signo simbólico, ‘o fogo’, aglutina os sentidos divergentes e antinômicos do ‘fogo purificador’, do ‘fogo sexual’, do ‘fogo demoníaco e infernal’. (Durand, 2023, p.14).

Quando analisamos esses símbolos em um papel específico nas transações humanas, estamos abordando o simbolismo. Sendo assim, em um ritual, são utilizados diversos símbolos, que, sozinhos, podem ter um significado, mas, quando combinados, podem adquirir um poder que um único símbolo sozinho não teria.

O conjunto dos símbolos deixam mais fortes: Isto não quer dizer que um único símbolo não seja tão significativo como todos os outros, mas que o conjunto de todos os símbolos sobre um tema esclarece os símbolos uns através dos outros, acrescentando-lhes um ‘poder’ simbólico suplementar. (Durand, 2023, p. 15).

Sendo assim, pode-se dizer que um rito é uma ordem prescrita, que possui uma linguagem simbólica que, à medida que é representada, adquire maior autoridade e credibilidade. A santa ceia, por exemplo, é realizada nas igrejas católicas e evangélicas para que os fiéis não esqueçam o rito primordial, que é o sacrifício de Cristo para salvar a humanidade.

Uma redundância significativa dos gestos constitui a classe dos *símbolos rituais*: o muçulmano que na hora da oração se inclina para Oriente, o padre cristão que benze

o pão e o vinho, o soldado que faz o juramento de bandeira, o bailarino, o ator que ‘interpreta’ um combate ou uma cena de amor dão através dos seus gestos uma atitude significativa ao corpo ou aos objetos que manipulam. (Durand, 2023, p.15–16).

Em suma, ritos e símbolos são expressões que fazem parte da cultura humana desde o seu início. Os ritos podem ser sagrados ou profanos, e estão presentes não somente na religião, mas em toda a estrutura social. Neste caso específico, estamos interessados nos ritos religiosos e como eles expressam a sua linguagem simbólica através do processo do ritual.

2.2 Linguagem simbólica, comunicação religiosa nos ritos

Sabemos que a linguagem simbólica é todo um conjunto formado por: dança; gesto; fala; silêncio; objetos materiais, etc., e a partir dessa linguagem que os símbolos materiais ou não são formados. Existem diversos materiais simbólicos que podem auxiliar os rituais em seus processos, mas há um material que, além de fazer parte de qualquer ritual, é considerado o primeiro a conter linguagem simbólica. Ele seria nosso corpo. O antropólogo Marcel Mauss afirmou que:

Nessas condições, cabe dizer simplesmente: estamos lidando com técnicas do corpo. O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. (Mauss, 2003, p. 407).

O corpo pode ser usado para realizar danças, conversas, emoções e, até mesmo, o silêncio. É através dele que realizamos nossas performances individuais e rituais coletivos. Rituais coletivos, muitas vezes, requerem corpos sincrônicos, assim como, através de gestos que o coordenador do ritual faz, é possível saber como os corpos dos outros participantes devem agir.

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. O ator abraça fisicamente o mundo apoderando-se dele, humanizando-o e, sobretudo, transformando-o em universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores que, enquanto experiência, pode ser compartilhada pelos atores inseridos, como ele, no mesmo sistema de referências culturais. (Le Breton 2012, p.7-8)

Os gestos corporais recebem significações por meio dos atos rituais religiosos, “‘gestos’ deriva da palavra latina ‘*gestus*’, que designa, no sentido específico o movimento ou uma postura do corpo,” (Wulf, 2015, p. 90). Esses gestos expressam performaticamente as emoções do corpo individual e do corpo coletivo. Todos os gestos são avaliados pelo outro, e,

dependendo da forma corporal, pode causar desconforto à sua comunidade. O corpo é nosso, mas os gestos aos quais o induzimos são determinados pelo contexto social. Sendo assim, cabe a nós torná-los "naturais" ou protestar contra o meio.

No interior de uma mesma comunidade social, todas as manifestações corporais do ator são virtualmente significantes aos olhos dos parceiros. Ela só tem sentido quando relacionadas ao conjunto de dados da simbologia própria do grupo social. Não há nada de natural no gesto ou na sensação. (Le Breton, 2012, p. 9).

É por meio dos gestos que é possível identificar, por exemplo, qual religião o indivíduo pertence. “‘Fazer cruz na boca’ é parte da persignação católica, a vocativa no Livre-os Deus, Nosso Senhor! Pela boca entra o alimento vital e o ‘Corpo de Deus’ eucarístico. É o órgão vocal, soberano do Mundo” (Cascudo, 2003, p. 213). A representação das mãos sobre a boca desenhando uma cruz é um ritual da Igreja Católica, embora outras religiões não o fazem, mas muitos conhecem seus significados. No Brasil, que é uma cultura pluralista, identificamos diversas linguagens simbólicas de diferentes religiões, mesmo sem sermos membros delas. A comunicação simbólica extrapola as fronteiras religiosas e alcança diversos públicos.

Cada gesto e objeto utilizado em rituais e religiões tem significados próprios. Segundo o antropólogo Victor Turner, “quase todo objeto usado, todo gesto realizado, todo canto ou prece, toda unidade de espaço e de tempo representa, por comunicação, alguma coisa diferente de si mesmo” (Turner, 2013, p.30). A transubstanciação, no catolicismo, do pão e vinho em corpo e sangue de Cristo é um exemplo claro disso. Outro exemplo de símbolo considerado purificador em diversas culturas é a *água*: “A água é classificada pelos especialistas em ritual na categoria dos símbolos ‘brancos’. Como tal, tem os significados genéricos de ‘bondade’, ‘pureza’, ‘sorte’ e ‘vigor’, de que participa juntamente com outros símbolos desta classe.” (Turner, 2013, p. 73). Assim como no catolicismo, de acordo com Wulf (2005), cada um dos sete sacramentos é composto por atos específicos que compõem o “arranjo cênico”. Não existe nenhuma religião sem gestos:

Comunidades religiosas são impensáveis sem gestos; elas formam e se modificam através de práticas gestuais. Por meio do conteúdo simbólico das formas de interação e comunicação, e principalmente por meio dos processos performativos da interação e gerações de significados, gestos garantem e estabilizam a própria comunidade religiosa. (Wulf, 2005, p. 105).

Em um trecho de Câmara Cascudo (2003), ele menciona de forma breve a cruz, que, atualmente, é um símbolo insigne para o catolicismo, mas: “A Cruz, mesmo em sua simplificação no *Tau* grego, inicial de *Thanatos*, a Morte, é um símbolo religioso milênios

anteriores à crucificação de Jesus Cristo em suplício regular de Roma e entre judeus.” (Cascardo, 2003, p.122).

A eficácia simbólica não se limita a objetos materiais. De acordo com Mauss, uma simples palavra que se pronunciou contra nós pode causar a morte. “A palavra é tão poderosa que um indivíduo pode morrer só do fato de achar que alguém proferiu sua morte por meio de uma magia simpática”. (Mauss, 2003, p. 349). Dessa forma, o que torna tudo real, como um objeto simbólico, um ritual de efeito, é a crença. Sem ela, a religião não se sustenta.

Como são ensinadas as linguagens simbólicas religiosas? Ela é feita através da comunicação religiosa. Como exemplo, os católicos oferecem a catequese, que ensina as crianças sobre os textos bíblicos, como se comportar nas missas e quais gestos devem ser realizados em cada tipo de ritual. A comunicação religiosa proporciona o aprendizado sobre os ritos e símbolos religiosos.

De acordo com Bourdieu, a comunicação se dá através da religião, sendo ela o meio de linguagem que ensina os ritos e define os símbolos. Cada religião possui um mundo místico próprio, com seus mitos e rituais. Quando o indivíduo não se sente satisfeito com o seu grupo, ele adentra um outro mundo místico composto por diversos mitos e ritos, “cada linguagem desenha um círculo mágico em torno do povo a que pertence, um círculo de que não se pode sair sem saltar para dentro de outro.” (Bourdieu, 2019, p.27).

A comunidade religiosa é o principal fator que legitima a eficácia dos ritos e símbolos. Os líderes religiosos, profetas, sacerdotes, pastores, padres, xamãs, sacerdotes, etc., levam a mensagem religiosa ao público, enquanto este, seguindo as regras e mantendo as suas crenças, alcança a eficácia simbólica.

É o coletivo que da legitimidade a eficácia simbólica. O princípio da eficácia de todos os atos de consagração não é outro senão o próprio campo, lugar de energia social acumulada, reproduzido com a ajuda dos agentes e instituições através das lutas pelas quais eles tentam apropriar-se dela, empenhando o que haviam adquirido de tal energia nas lutas anteriores. (Bourdieu, 2002, p.25)

A relação entre comunidade e indivíduo é o que dá legitimidade, o *habitus*, de acordo com Bourdieu. A nossa forma de pensar, agir e sentir é determinada pela realidade externa e interna que nos define. Em outras palavras, há o "interior exteriorizado" (nós moldamos o ambiente) e o "exterior interiorizado" (o ambiente nos molda), que absorvemos de acordo com a nossa posição na estrutura social. Dessa forma, interiorizamos diversos *habitus* e os exteriorizamos para o meio social.

Dessa forma, a comunicação religiosa contribui para a credibilidade dos ritos religiosos, como a transubstanciação do vinho em sangue e pão em carne para os católicos (já

mencionada anteriormente), bem como a ideia de Mal presente em diversas sociedades. Algumas religiões acreditam na existência do mau físico, que pode ser representado desde imagens antropomórficas até conceitos abstratos. Segundo o historiador Stuart Clark a linguagem simbólica do grupo torna-o real:

A linguagem funciona perfeitamente, a esse respeito, sem ter de espelhar o mundo de alguma maneira objetiva para si próprio; na verdade, o que é real, para seus usuários, sobre o mundo, é a questão de que tipos de afirmações de parcelas da realidade sua linguagem lhes permite fazer com sucesso. (Clark, 2020, p.31).

os seres humanos fazem verdades (bem como erros) fazendo as frases as expressarem, e os sistemas de signos nos quais dizer as frases. Eles não as encontram por aí no mundo externo, à espera de serem descobertas, e depois as descrevem precisamente na linguagem. (Clark, 2020, p.32).

Gilberto Freyre (1900–1987) dizia que todas as verdades começam como mentiras, todavia, quando contadas e cridas, elas se tornam verdades. Ou seja, os grupos desenvolvem suas crenças por meio de uma linguagem simbólica que as legitima através de suas mitologias, tornando-as reais quando manifestadas em seus ritos.

2.3 Concepções do Mal

Não é somente na religião cristã que ocorrem rituais de cura e libertação, alguns deles vem antes mesmo do próprio cristianismo. Na Antiguidade Tardia, por exemplo, no período sassânida era comum a fabricação de tigelas cerâmicas denominadas *de Bacias de Encantamentos*. Nas faces internas das bacias, eram escritas orações. Após o ritual ser concluído, elas eram enterradas de cabeça para baixo, aprisionando, dessa forma, os demônios e forças ocultas. Este ritual era praticado tanto por judeus quanto por grupos politeístas, sendo considerado um ritual de exorcismo.

Imagem 1 e 2: Tigelas de Encantamento





Fonte: (Tigelas de Encantamento em Aramaico (M164), 2015)

Henry Ludwig Frederick Lutz foi um assiriólogo, egiptólogo e linguista americano. Atuou na Universidade da Califórnia e no museu de antropologia da universidade. Em 1919, publicou um livro contendo traduções para o inglês de diversas cartas sumérias do período babilônico, dentre elas, textos sobre aprisionamentos de demônios. Em uma das obras, é apresentado o ato de exorcizar:

O lugar do homem.....
Quem vai acima.....
Quem abaixo não rompe.....
Para a senhora
Dor de cabeça, doença dos membros,
Na doença do coração.....
Cuja dor no coração.....
O espírito maligno na cabeça.....
O homem mal.....
O deus do mal.....
O encantamento das profundezas
tu deves mencionar a ele.
O homem, o filho de seu deus.
Com a tua mão levantada não te aproximarás.
Com teus companheiros
não podes te deitar.
Com tua boca temerosa não podes falar,
Com teu rosto irado não
podes.....
Com teu olhar irado
não podes te virar.
Com teus comandos de medos
tu não podes agarrar,
Da tua boca nada pode
sair....
Pela tua língua
não podes fazer o mal!
Teu coração não pode inspirar medo!
**Pelo céu seja exorcizado! pela
terra seja exorcizado!**

Até que do corpo do homem, o
filho de seu deus seja removido,
Comida não comerás,
água não beberás!
(Lutz, 1919, p. 50–51, tradução minha, grifo meu)⁴

A ideia do Mal é discutida há muitos anos, sobretudo na filosofia e em grande medida na Teologia. Gottfried Leibniz (1648-1716), em sua Teodiceia, afirma que o Mal não está na matéria, mas sim na imperfeição humana, uma vez que o indivíduo não conhece o todo. Dessa forma, seria prejudicial nos enganarmos ao tentar compreender os mistérios do mundo, como, por exemplo, compreender o tempo, o espaço e a matéria. Esses fenômenos são possíveis porque Deus os quis e, de outra forma, não seriam possíveis. Da mesma forma que Paul Tillich (1886–1965), que sustentava que o Mal é, na verdade, a disputa por superioridade, entre nações que lutam contra outras; deuses contra deuses; quem perde torna-se o demoníaco.

De acordo com Paul Ricoeur, um autor clássico que escreveu sobre o estudo do Mal, afirmava que este seria o maior desafio do pensador e, para compreender, seria necessário pensar de forma contrária. Em outras palavras, para compreendermos o que é o bem, é necessário compreendermos o Mal. Dessa forma, Deus é todo-poderoso; Deus é extremamente bondoso e o Mal não existe. Ele usa o trabalho de luto de Freud para explicar, por exemplo, que desastres naturais não seriam provas do Mal, mas sim o estado emocional humano. A lamentação seria a principal causa do Mal, uma vez que, ao nos lamentarmos pedindo liberdade de culpa e apresentando queixas contra Deus sobre o motivo pelo qual o Mal existe. Não seria nossa função explicar a origem do Mal, mas sim o que devemos fazer em relação a ele. De acordo com Leibniz, o desejo de conhecimento do homem é o que o conduz ao caminho do Mal, não podendo Deus ser culpabilizado por isto. “A corrupção, o obscurecimento, a fealdade de uma inocência, de uma luz e de uma beleza que, ainda assim, continuam a existir. Por mais radical que seja o mal, ele nunca conseguirá ser tão originário como a bondade”. (Ricoeur, 2013, p.175).

Devido aos mitos antigos, a ideia de Mal está profundamente presente na sociedade atual. Sendo assim, ao pensar em seus signos, alcançamos os primórdios: “o símbolo dá: uma

⁴ Original: The place of man...../Who goes above...../Who below does not break...../for the lady/Headache, limb disease,/In heart disease...../Whose heartache...../The evil spirit in the head...../The bad man...../The god of evil...../The Enchantment of the Depths/thou shalt mention it to him./The man, the son of his god./With your hand raised you will not approach./with your companions/you can't lie down./With your fearful mouth you cannot speak./Not with your angry face/you can...../With your angry look/you can't turn around./With your commands of fears/you can't grab/From your mouth nothing can/to go out..../by your language/you cannot do evil!/Thy heart cannot inspire fear!/By heaven be exorcised! for the/earth be exorcised!/Until of the body of man, the/son of your god be removed,/food thou shalt not eat,/water thou shalt not drink! (Lutz, 1919, p. 50-51)

filosofia instruída pelos mitos surge num certo momento da reflexão, e, para lá da reflexão filosófica, deseja dar resposta a uma certa situação da cultura moderna”. (Ricoeur, 2013, p.366).

Na mitologia cristã, o surgimento do Mal é narrado de diversas maneiras. No livro dos Jubileus (livro apócrifo), Deus cria o Mal logo no primeiro dia, sendo, portanto, um produto da criação divina e não uma consequência de nossas escolhas.

2.2 Porque no primeiro [1º] dia Ele criou, o céu que é acima e a terra e as águas e todos os espíritos que o servem — Os anjos a presença [luz], os anjos da santificação, os anjos [do espírito do fogo, os anjos] do espírito dos ventos, os anjos do espírito das nuvens, **e da escuridão**, e da neve, e do granizo. E os anjos das vozes e dos trovões e dos raios, os anjos do espírito do frio e calor e do inverno e da primavera e outono e do verão, e todos os espíritos de suas criaturas que estão no céu e sobre a terra **e nas profundezas do abismo, e a escuridão. E todos os espíritos das trevas e da noite.** (Livro dos Jubileus, 2: 1-2, p. 6, grifo nosso).

No livro de Enoque, o Mal foi criado pela ambição dos anjos, e não por uma ordem divina. Certos seres divinos nos céus teriam violado as ordens de Deus e, conseqüentemente, Ele os expulsou dos céus para o Inferno. Assim, a Queda não teria sido somente de um anjo, mas diversos outros anjos que também se rebelaram contra Deus. Após essa descida, os anjos se apaixonaram pelas mulheres que habitavam a terra e, com elas, tiveram filhos. Esses filhos foram atribuídos aos nomes de *Nefilins* (*Nefilim* deriva do hebraico "*nefilím*", desertor, caído, derrubado). Eles eram gigantes e comiam todos os animais e seres humanos, sendo necessário a vinda do dilúvio para acabar com esse Mal.

Estes são os nomes de seus chefes: Samyaza, que era o seu líder, Urakabameel, Akibeel, Tamiel, Ramuel, Danel, Azkeel, Saraknyal, Asael, Armers, Batraal, Anane, Zavebe, Samsaveel, Ertael, Turel, Yomyael, Arazyal. Estes eram os prefeitos dos duzentos anjos, e os restantes estavam todos com eles. Então eles tomaram esposas, cada um escolhendo por si mesmo; as quais eles começaram a abordar, e com as quais eles coabitaram, ensinando-lhes sortilégios, encantamentos, e a divisão de raízes e árvores. E as mulheres conceberam e geraram gigantes, cuja estatura era de trezentos cúbitos. Estes devoravam tudo o que o labor dos homens produzia e tornou-se impossível alimentá-los; então eles voltaram-se contra os homens, a fim de devorá-los; E começaram a ferir pássaros, animais, répteis e peixes, para comer sua carne, um depois do outro, então a terra reprovou os injustos. (Enoque, 7: 9-15, p. 24-25).

Em Enoque, percebemos que, como os gigantes eram compostos por espírito e carne, após o dilúvio, seus espíritos sobreviveram. Sendo assim, esses espíritos malignos habitam a terra e atormentam os humanos. De acordo com o historiador de religiões Philip C. Almond, a história original de Gênesis sugere que a união sexual entre os filhos de Deus e as filhas humanas foi o ato final que motivou Deus a reiniciar a criação. Posteriormente, os "filhos de Deus" foram identificados como anjos, ao passo que os gigantes anteriores ao dilúvio foram identificados como filhos e filhas dessa união. Isso contribuiu para a Queda dos anjos, o surgimento dos espíritos malignos e a origem do Mal sobrenatural. A história, em suma,

demonstra como a maldade cósmica teve consequências devastadoras e a presença do Mal no mundo. (Almond, 2021, p.23).

Agora, os gigantes que têm nascido de espírito e de carne, serão chamados sobre a terra de maus espíritos, e na terra estará a sua habitação. Maus espíritos procederão de sua carne, porque eles foram criados de cima; dos santos Sentinelas foi seu princípio e a sua primeira fundação. Maus espíritos eles serão sobre a terra, e de espíritos da maldade eles serão chamados. A habitação dos espíritos do céu será no céu, mas sobre a terra estará a habitação dos espíritos terrestres, os quais são nascidos na terra. Os espíritos dos gigantes serão semelhantes às nuvens, os quais oprimem, corrompem, caem, contendem e confundem sobre a terra. Eles causarão lamentação. Nenhuma comida eles comerão; e terão sede; eles se esconderão e não se levantarão contra os filhos dos homens, e contra as mulheres; pois eles virão durante os dias da matança e da destruição. (Enoque, 15:8-10, p.45-46).

Em outras palavras, não é possível contar a história cristã sem mencionar o Diabo, que, ao lado de Deus, desempenha um papel fundamental. Ele foi o primeiro líder dos anjos criados, mas não obedeceu a Deus e foi expulso do céu com seus seguidores. A partir daí, a história registra o conflito entre Deus e suas forças angelicais, em oposição ao Diabo e seu exército demoníaco. Após a sua Queda, o Diabo assume a forma de uma serpente, resultando na Queda do ser humano (Almond, 2021). Percebe-se aqui que Almond foi simplista ao escrever que após a Queda já se transforma em serpente. Segundo Shawna Dolansky especialista em estudos bíblicos, a serpente no Jardim do Éden é considerada a mais inteligente das criaturas criadas por Deus, mas Satanás não está presente nos capítulos 2-3 de Gênesis, uma vez que o conceito de diabo ainda não existia na época da sua criação. Embora a palavra "satanás" esteja presente em outras passagens do Antigo Testamento, este não é um nome próprio, uma vez que não existia a noção de um demônio na visão de mundo dos antigos israelitas. Em alguns textos, como Números 22 e Jó, "o satanás" é mencionado como um mensageiro de Deus que desempenha um papel específico na história. Em Zacarias 3, temos uma visão do sumo sacerdote Josué em um conselho divino, onde é acusado por satanás. No entanto, este não é o mesmo conceito de satanás do Novo Testamento. (Dolansky, 2024)

Dolansky afirma que a ideia de Satanás como o líder do Mal e a serpente do Éden estão intimamente relacionadas em textos como 1 Enoque e Sabedoria de Salomão, mas nunca é explicitamente afirmado que a serpente é o próprio Satanás. A compreensão de Satanás como um inimigo de Deus e dos seres humanos foi aumentando ao longo dos séculos, culminando na sua representação em textos como o Apocalipse. Apesar de o Apocalipse apresentar Satanás como uma "antiga serpente", não há uma ligação direta entre ele e a cobra do Éden na Bíblia. Em textos antigos do Oriente Próximo, o Mal é frequentemente representado por uma serpente, o que pode explicar a associação. No Novo Testamento, vemos Satanás e seus demônios possuírem pessoas e exercendo o poder sobre elas. Contudo, autores posteriores, como Justino,

Mártir e Agostinho, associaram Satanás à serpente do Éden, mesmo que essa ligação não esteja fundamentada na Bíblia. Sendo assim, ao longo da história, Satanás evoluiu de um simples mensageiro de Deus para um poder maligno e adversário, muitas vezes associado à serpente do Éden (Dolansky, 2024).

Deste modo, é importante a consulta de fatos históricos em outros pesquisadores, que nos trazem outra visão sobre um mesmo assunto. De todo modo, referindo-se novamente a Almond e Dolansky citada acima, além dos anjos caídos e dos *nefilins*, o Primeiro Testamento apresenta a figura de Satanás como um servo de Deus:

O nome próprio “Satanás” provém do substantivo próprio hebraico “Sātān”. Esse uso do termo “satanás” para descrever um papel, mais do que um ente particular, e comum na Bíblia hebraica, na qual ele ocorre 9 vezes. Em 5 ocasiões ele se refere a seres humanos e designa um papel de adversário ou acusador. Em 4 ocasiões ele se refere a seres celestiais. (Almond, 2021, p. 37–38).

Podemos observar isto no livro de Jó:

Certo dia os anjos vieram apresentar-se ao Senhor, e Satanás também veio com eles. O Senhor disse a Satanás: “De onde você veio?” Satanás respondeu ao Senhor: “De perambular pela terra e andar por ela”. Disse então o Senhor a Satanás: “Reparou em meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal”. “Será que Jó não tem razões para temer a Deus?”, respondeu Satanás. “Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui? Tu mesmo tens abençoado tudo o que ele faz, de modo que os seus rebanhos estão espalhados por toda a terra. Mas estende a tua mão e fere tudo o que ele tem, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face.” O Senhor disse a Satanás: “Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos; apenas não toque nele”. Então Satanás saiu da presença do Senhor. (A Bíblia [...], 1997, Jó, 1: 6-12, p. 1427).

Ao contrário do Primeiro Testamento, no Segundo Testamento, a figura de Satanás não é apenas descrita como um atormentador, mas também como uma entidade que se infiltra no corpo das pessoas, impedindo-lhes a liberdade. Marcos, o Evangelista, apresenta uma imagem de um Jesus apotropaico (do grego: *αποτροπαικός*, que utiliza de símbolos e objetos para afastar o mal), que ensinava como afastar demônios.

Eles atravessaram o mar e foram para a região dos gerasenos. Quando Jesus desembarcou, um homem com um espírito imundo veio dos sepulcros ao seu encontro. Esse homem vivia nos sepulcros, e ninguém conseguia prendê-lo, nem mesmo com correntes; pois muitas vezes lhe haviam sido acorrentados pés e mãos, mas ele arrebatara as correntes e quebrara os ferros de seus pés. Ninguém era suficientemente forte para dominá-lo. Noite e dia ele andava gritando e cortando-se com pedras entre os sepulcros e nas colinas. Quando ele viu Jesus de longe, correu e prostrou-se diante dele e gritou em alta voz: “Que queres comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Rogo-te por Deus que não me atormentes!” Pois Jesus lhe tinha dito: “Saia deste homem, espírito imundo!” Então Jesus lhe perguntou: “Qual é o seu nome?” “Meu nome é Legião”, respondeu ele, “porque somos muitos.” E implorava a Jesus, com insistência, que não os mandasse sair daquela região. Uma grande manada de porcos estava pastando numa colina próxima. Os demônios imploraram a Jesus: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. Ele lhes deu permissão, e os espíritos imundos saíram e entraram nos porcos. A manada de cerca de dois mil porcos atirou-se precipício abaixo, em direção ao mar, e nele se afogou. Os que

cuidavam dos porcos fugiram e contaram esses fatos na cidade e nos campos, e o povo foi ver o que havia acontecido. Quando se aproximaram de Jesus, viram ali o homem que fora possesso da legião de demônios, assentado, vestido e em perfeito juízo; e ficaram com medo. (A Bíblia [...], 1997, Mc. 5:1-15, p. 2705).

Dessa forma, com a ascensão do cristianismo, a ideia de Mal foi aumentando significativamente, atingindo não somente o âmbito religioso, mas também o social, político e cultural. Uma ferramenta utilizada para espalhar esse Mal foi o Apocalipse de João, o último livro do Segundo Testamento.

O filósofo Umberto Eco, em seu livro “História da Feiura”, aborda que a ideia de Inferno já existia antes do cristianismo, outras culturas como a grega antiga já falavam desse submundo sombrio.

Embora termine com a imagem de Satanás mergulhado nas profundezas dos mundos infernais, das quais, não sairá nunca mais, não foi o Apocalipse que introduziu no mundo cristão a ideia do inferno. Muito antes, várias religiões já haviam concebido um lugar, em geral, subterrâneo, onde vagavam as sombras dos mortos. É no Hades pagão que Deméter vai resgatar Perséfone raptada pelo rei das profundezas, que Orfeu se precipita para salvar Eurídice, que se aventuram Ulisses e Enéas. Também o *Corão* fala de um local de penitência. (Eco, 2014, p.82).

Na França, no Castelo de Angers, situado na cidade de mesmo nome, há uma Galeria do Apocalipse, encomendada pelo Rei Luís I (1838–1889). Essa galeria é composta por diversas tapeçarias que narram a história do Apocalipse, apresentando o Satanás como um ser maligno. No período medieval (principalmente nos séculos XIV ao XVI), houve uma série de terrores que inflamou o imaginário a respeito da figura do Mal.

Essa elevação dos exorcismos durante a Idade Média pode ser atribuída a uma combinação de fatores sociais, culturais, religiosos e psicológicos. A fé cristã era predominante nesta época. A crença em espíritos, possessões e exorcismos era amplamente aceita. A Igreja Católica concebia o exorcismo como um ritual indispensável para combater as forças do mal e proteger os fiéis. A Influência da Teologia, com pensadores como Santo Tomás de Aquino, contribuiu para a compreensão teológica do mal e dos demônios. Sua obra contribuiu para a legitimação da prática do exorcismo, apresentando-o como uma maneira de restaurar a ordem divina e moral. A teologia medieval enfatizava a luta entre o bem e o mal, o que aumentou a necessidade de intervenções espirituais. A sociedade medieval era marcada por medos e ansiedades, como doenças, guerras e desastres naturais. Em muitos casos, esses eventos foram atribuídos à ação de demônios ou forças maléficas. O exorcismo era visto como uma forma de proteção e cura, oferecendo esperança em períodos de crise.

Muitas das condições de saúde mental e física que conhecemos hoje como doenças eram, frequentemente, interpretadas como possessões demoníacas. O exorcismo era, portanto, uma resposta a comportamentos que não eram compreendidos na época, o que levou ao aumento da prática desse ritual. A Igreja Católica, como a principal autoridade religiosa, desempenhava um papel crucial na vida das pessoas. O exorcismo era uma das diversas maneiras pela qual a Igreja exercia seu poder e influência, oferecendo soluções espirituais para problemas que eram considerados sobrenaturais. A Cultura Popular também trouxe suas histórias de possessões e exorcismos, que eram alimentadas por tradições orais e folclóricas. As narrativas sobre santos que realizavam exorcismos tornaram-se populares, o que contribuiu para a aceitação e expectativa em relação a esses rituais. A reação às heresias também foi marcada pelos conflitos religiosos e pela luta contra heresias. O exorcismo era visto como uma maneira de reforçar a ortodoxia cristã e combater as influências consideradas maléficas. Além desses fatores, outros fatores contribuíram para a prevalência de exorcismos na Idade Média, refletindo as complexas interações entre fé, medo, poder e compreensão do mundo sobrenatural.

Imagem 3: A Tapeçaria do Apocalipse



Fonte: (JÓIA medieval: A Tapeçaria do Apocalipse — Gotha Atelier, 2022)

A compreensão sobre o demônio foi sendo formada e reformada ao longo deste período. No mosaico de *Sant'Apollinare Nuovo*, localizado em Rávena, na Itália, cerca da data de 520, encontramos um diabo com uma aparência angelical e cor azulada.

Imagem 4: Como o Diabo mudou de cara e função ao longo dos séculos.



Fonte: (SOARES, Denisson Antunes. 2021)

No período barroco⁵ europeu, houve uma intensificação da ideia de Inferno e seus demônios, um dos efeitos da Reforma Protestante. Isso levou a Igreja a renunciar a alguns dogmas e formatar novos, de modo a evitar que seus membros se desviassem para outras religiões. Como é o caso das missas celebradas em língua local, em vez de latim. Assim como na arte (pintura, escultura e arquitetura) a qual foi direcionada a temas religiosos e, houve mudanças nos significados de certas palavras, como os termos: possessão e êxtase, que foram redefinidos e classificados como diametralmente opostos.

⁵ Barroco é o nome de um estilo artístico surgido na Itália no final do século XVI e foi até o início do século XVIII. Foi caracterizado por forte influência religiosa, suas principais características eram: valorização do detalhe; dualismo e contradições; Obscuridade, complexidade e sensualismo.

Imagem 5: Êxtase de Santa Teresa



Fonte: (Êxtase de santa Teresa Bernini — Juli Rossi)

Em 1523, é publicado *Liber Sacerdotalis*, aprovado por Leão X (1475–1521) Ele continha o ritual de exorcismo, bem como os equipamentos necessários para a ação, como crucifixo e água benta. Em 1577, o monge franciscano Girolamo Menghi (1529–1609) publicou o livro *Flagellum Daemonum*, no qual explicava a intensidade das forças do Mal naquela época. Qualquer pessoa poderia proclamar uma das sete orações que ele deixou, bastando apenas seguir algumas regras, como confessar antes do ato e jejum. Apenas em 1584, com a publicação de *Rituale* do cardeal Giulio Antonio Santori (1532–1602), o padre se torna o único responsável pelo ritual:

A publicação foi encomendada pelo Papa Gregório XIII. O objetivo principal era definir um ritual de exorcismo que não se baseasse em práticas recentes, tais como os relatos de Menghi, mas sim “nos mais antigos sacramentários disponíveis [on the most ancient available sacramentaries]”. Segundo o historiador Francis Young (2016), foi a publicação de Santori que transformou o ritual de algo relativamente comum em uma prática restrita pelo cânone católico. (Braga, 2022, p.149)

No que diz respeito às questões constitucionais, somente em 1614, por decreto do Papa Paulo V, será publicado o *Rituale Romanum*, um documento oficial regulamentado pela Igreja que deve ser seguido de forma correta para que o ritual de exorcismo possa ser bem-sucedido.

Antes de 1614 não podemos nos referir a um ritual no singular, mas sim aos rituais de exorcismo, por não existir uma normatização institucional das práticas de expulsão de demônios, muito menos de quem poderia realizá-las. O rei Luís IX (1214–1270), por exemplo, realizou um exorcismo se utilizando de sal bento. Havia também algumas ervas consideradas eficientes na hora de expulsar espíritos malignos. Não havia nem mesmo uma clara definição oficial do que era a possessão demoníaca. (Braga, 2022, p.142).

No século XVII, vários estudiosos como Tomás Hobbes, desacreditavam os exorcistas católicos, pois, segundo ele dever-se-iam entender as possessões bíblicas como metáforas, já que dois espíritos não poderiam ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo, no caso um mesmo corpo. Estávamos vivendo em um momento de desenvolvimento da medicina, assim pessoas que manifestavam sintomas de alguém “possuído” era tratado por ela e, vários diagnósticos foram desenvolvidos como, histeria (no caso feminino), epilepsia, esquizofrenia, bipolaridade, entre outros.

Deste modo, encontramos três momentos nos séculos XVI, XVII e XVIII. No primeiro século acreditava-se em possessão, no século seguinte com o avanço da medicina passou a acreditar em doenças naturais. No século XVIII, houve uma junção, acreditava-se em demônios, mas também em doenças naturais, assim pessoas que sofriam essas enfermidades de fatos eram tratadas pela medicina, mas sua doença era causada por questões demoníacas.

Sendo assim, nestes períodos podemos destacar uma mudança religiosa que está sendo influenciada e influenciando os meios políticos e sociais. Levando isso em conta, a figura do demônio faz parte dessas influências. No século XIX, houve uma maior definição do demônio, sobretudo devido a renovação das obras de Dante Alighieri (1265–1321) e John Milton⁶ (1608–1674), que apresentaram descrições sobre o Inferno, sendo de responsabilidade do pintor Paul Gustave Doré (1832–1883) pintá-las. Neste cenário, temos um diabo com chifres, tridentes e rabo. O tom vermelho só será atribuído ao diabo em 1859 com a Ópera de Fausto de Charles Gounod (1818–1893).

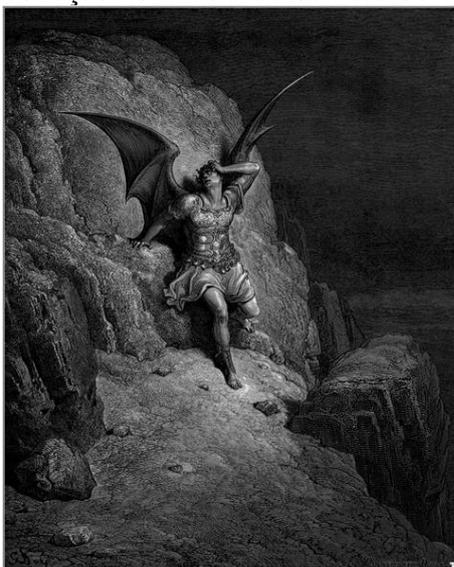
Imagem 6: Ilustração no livro Divina Comédia de Dante Alighieri



Fonte: (Ilustração de Gustave Doré — Lucífer)

⁶ Milton era participante da Revolução Puritana, buscava mostrar o satanás como um rebelde contra o poder.

Imagem 7: Ilustração no livro Paraíso Perdido de John Milton



Fonte: (Ilustração de Gustave Doré — Lucífer)

Imagem 8: Mefistófeles ou Mefisto é a figura do próprio Diabo chefe.



Fonte: (Demônio com que Dr. Johann Fausto teria feito um pacto)

No século XX, enfrentamos duas Guerras Mundiais e diversas outras que transformaram de novo a figura do Mal. A sua imagem agora é uma representação humana. Lutamos contra nós mesmos, tornando-nos inimigos, o Mal.

De um tempo para cá, ele multiplica suas metamorfoses dentro de sociedades cada vez mais tentadas pela promoção do indivíduo, pois esta poderosa vaga, ao crescer, fez refluírem os sistemas de pensamento que visam impor suas uniformes certezas. (Muchembled, 2001, p. 287).

No decênio de 1970, houve uma diminuição de possessão corporal e um aumento dos famosos *poltergeist*⁷. Isso se deve ao fato de que milhares de pessoas morreram nas guerras, e muitos deles não foram enterrados conforme suas culturas, deixando assim, no imaginário popular, as almas perdidas neste mundo.

Em 1971, a rede de televisão NBC, dos Estados Unidos, transmitiu, pela primeira vez, um ritual de exorcismo ao vivo. O caso envolvia uma visita de um padre a uma residência que, aparentemente, sofria de espíritos possessos. No entanto, o ritual não teve êxito, sendo necessário que outro padre fosse à residência para realizar o ritual. Mas, de qualquer maneira, isso voltou a afetar o imaginário simbólico da ideia do Mal e seus significados nas pessoas.

Esse imaginário explodiu no ano de 1973, quando o filme *O Exorcista* estreou. Diversos países, como a França, impediram por muito tempo que este filme fosse exibido no país, o que só aumentou o imaginário popular. O filme estreou no Brasil no dia 11 de novembro de 1974, deixando muitas pessoas sem dormir após assistirem. A repercussão foi tão grande que a ideia do demônio como um ser místico começou a ressurgir, tendo sido, em 1974, tema de capa de revista.

O exorcista foi um filme que lembrou as plateias do Outro numinoso que esteve presente na consciência ocidental por mais de dois mil anos. Ele falou de um ser que representou o lado obscuro do Sagrado, um ser que foi personificado como o mau, o Diabo. A menina na qual o Diabo passou a residir falava com uma voz de contrato profundo, berrava obscenidades, vomitava e levitava, girava sua cabeça a 180 graus, masturbava-se com um crucifixo e caminhava como uma aranha. As plateias ficaram horrorizadas e amedrontadas, mas também cativadas e fascinadas. (Almond, 2021, p. 13).

⁷ *Poltergeist* (do alemão *poltern* (fazer barulho), e *geist* (fantasma)).

Imagem 9: O Diabo volta a atormentar



Fonte: (Realidade — Ano 1974 - N.º.100 - A Volta do Diabo, acervo pessoal)

Imagem 10: Sumário da Revista

Realidade JULHO 1974 ANO IX - N.º 100	
<i>A ciência analisa a cura pelas agulhas</i>	40
<i>Como a crise do petróleo mudou nossa vida</i>	48
<i>A história do espão que derrubou Willy Brandt</i>	24
<i>Uma bomba A revelou uma Índia desconhecida</i>	30
<i>Uma flor e seus estranhos habitantes</i>	35
<i>Prepare seu filho para ele não ter medo do dentista</i>	44
<i>Imigrantes, a estrada mais segura do Brasil</i>	46
<i>Os velhos são mais inteligentes que os jovens?</i>	52
<i>Conheça melhor os bons trabalhos da ONU</i>	56
<i>Maurice e Katie: quatro anos correndo o mundo por mar</i>	60
<i>O custo de vida nas principais cidades do mundo</i>	67
<i>Como construíram o Brasil, um carro todo nacional</i>	70
<i>Assim nasceram as maravilhosas Cataratas do Iguaçu</i>	74
<i>Não deixe que seu cão-pastor vira uma fera</i>	80
<i>Os gigantescos interesses de um jogo de futebol</i>	83
<i>Uma nova maneira de se aposentar com mais dinheiro</i>	88
A volta do Diabo	90
<i>Os advogados que derrotaram o vice-presidente do EUA</i>	98
<i>O dia do grande golpe dos militares portugueses</i>	103
Seções	
Cartas, 4 — Em dia com a saúde, 6 — O riso do cotidiano, 8 — Onde está hoje, 22 — Voo! é o juiz, 28 — História na história, 34 — Como é mesmo?, 66 — Cada memória, 82 — A ciência anda assim, 96 — Faça seu jogo, 102 — Voo! conhece esta?, 104 — Em flagrante, 114.	
Livro	
Com esta edição, Gula Médico	
LATA 1076 DE JORNAL BRUNNEN	

Fonte: (Realidade — Ano 1974 - N.º.100 - A Volta do Diabo, acervo pessoal).

A revista Realidade, da editora Abril, publicou uma reportagem, dentre uma série de outras sobre o cotidiano e curiosidades, como a história da volta do diabo. A reportagem

apresenta uma entrevista com diversos padres pelo país, que explicam que o demônio está novamente à solta e que devemos ter cautela com ele. O filme *O Exorcista* foi um grande influenciador para isso. Em um trecho da reportagem, um pastor dos Estados Unidos teve que realizar diversos exorcismos em pessoas que haviam assistido ao filme e acreditavam estar possuídas. No Brasil, ocorreu o mesmo. Apesar de as pessoas terem medo, elas têm mais curiosidades. Só neste período, o livro sobre este tema mais que dobrou a venda. Hollywood, vendo a oportunidade, se entregou a um subgênero que, até então, não era tão recorrente.

Muitos confundem o filme *O Exorcista* com a história real da alemã Anneliese Michael, sendo seu caso o mais conhecido em toda a história da Igreja Católica. Anneliese era uma garota comum que vivia em uma região rural muito religiosa. Até o início da adolescência, vivia muito bem, mas começou a ter crises convulsivas e, a partir daí, só piorou. Aos 16 anos, já via figuras demoníacas, tinha aversão a símbolos religiosos e vivia em depressão. Ela foi diagnosticada por neurologistas e psiquiatras, sendo que um deles lhe receitou Dilatin e, posteriormente, Tegretal (fortes anticonvulsivantes). Ela vivia sentindo o cheiro de podre no ar. Ao longo dos anos, a família decidiu procurar um padre. A partir daí, os padres Ernest Alt e Arnold Renz começaram a realizar rituais de exorcismo na garota em 1975 e 1976, até que, em 1 de julho de 1976, Anneliese faleceu.

O caso em questão é retratado no filme *O Exorcismo de Emily Rose*, de 2005. O filme *O Exorcista* narra a história de Robert Mannheim⁸, nascido em 1935 em uma família luterana nos subúrbios de Maryland, nos Estados Unidos. Ele também tinha aversão a símbolos religiosos e, quando ia à igreja, passava mal. Durante os períodos de crise, alcançava uma força três vezes maior do que o normal para um garoto da sua idade. No entanto, ao contrário de Anneliese, Robert realizou os rituais de exorcismos e, após um tempo, apresentou melhoras significativas.

⁸ É interessante pensarmos que a história original é sobre um garoto luterano, e no filme é retratado como uma garota (Regan), e seu caso é trabalhado pela Igreja Católica. Temos uma inversão de gênero e religião. Para atrair o público cinéfilo, trocar o gênero do possuído faz sentido. Observamos em várias cenas o demônio tentando seduzir e realizando atos obscenos para o padre, sendo então uma menina mais atraente cinematograficamente. O ritual do exorcismo é realizado em várias religiões, entretanto, principalmente na cultura ocidental, quando pensamos neste tipo de rito, logo nos remete à Igreja Católica, com um padre vestindo estola roxa, com seu *Rituale Romanum* e água benta. Tanto que durante muitos anos o cinema, ao retratar um ritual de exorcismo, utilizava a manifestação católica. É recente encontrarmos filmes que trabalham esse ritual em outras denominações. Em 2021, foi lançado o filme *A Médium*, que retrata um xamã tailandês tentando realizar um ritual de exorcismo em uma garota possuída.

Em 2023, dos 21 filmes de terror mais aguardados do ano, seis são sobre possessão e exorcismo. Além disso, há um reboot de *O Exorcista*, ou seja, o demônio do período de 1970 para cá só aumentou. No entanto, essa curiosidade tem causado grande horror às pessoas.

Embora Paulo VI tenha acabado com a ordem dos exorcistas em 1972, a função permanece. Até a apresentação em Roma, em janeiro de 1999, de um novo ritual na matéria, aplicou-se, a partir de 1991, um esquema provisório, na maior discrição, com a colaboração de médicos e de psicólogos. Gabriele Amorth, exorcista da diocese de Roma, confessa ter tratado de 84 casos autênticos de possessão, em mais de 50.000 outros de que teve conhecimento. René Laurentin dá a isto um matiz apocalíptico, partilhado por raros confrades: atualmente, segundo ele, “o demônio está desencadeando uma ofensiva sem precedentes, destinada a ilustrar as profecias dos apóstolos Paulo e João sobre o Anticristo”. (Muchembled, 2001, p. 290–291)

No Vaticano, anualmente, é oferecido um curso para padres que desejam se tornar exorcistas. No entanto, a Igreja, nos últimos anos, percebeu que o Mal estava mais solto do que nunca, tendo, então, liberado o curso para líderes espirituais de todas as religiões que se interessassem. Este curso abrange as áreas de psicologia, direito, sociologia e criminologia, abordando todos os aspectos em que o Mal pode se infiltrar e, inclusive, identificar não apenas demônios, mas também casos de doenças psicológicas que, inicialmente, podem ser confundidos com possessão.

Atualmente, existem 24 padres autorizados pela Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, distribuídos nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio de Janeiro, sendo que somente neste último Estado há 12 exorcistas.

Imagem 11: Exorcistas no Brasil

The screenshot shows the website of the Associação Internacional dos Exorcistas (AIE Brasil). The header includes the logo and navigation links: Home, Missão, Tomar-se membro, News, Exorcistas, and Contato. A search bar is also present. The main content is titled 'Sacerdotes Exorcistas' and includes a definition of an exorcist according to Canon 1172. Below this, there are sections for different archdioceses:

- São Paulo:** Arquiocese de São Paulo, Santo Amaro, Campo Limpo, Guarulhos, São Miguel Paulista, Limeira, Franca, Bauru.
- Rio de Janeiro:** Arquiocese do Rio de Janeiro.
- Minas Gerais:** Arquiocese de Pouso Alegre. Contact: Cônego José Ramon Ferreira, Paróquia Sant'Ana - Silvianópolis, Telefone: (35) 99809-9478.
- Santa Catarina:** Arquiocese de Florianópolis.

The footer contains a 'Mapa do Site' (Site Map) with links to Home, Missão, Estatuto, Tomar-se membro, News, Exorcistas, Downloads, and Contato. It also has 'Links Importantes' (Important Links) for AIE-USA, Congregação para o Clero, Pontifical de Exorcismo, and Vatican News. A 'Apoie a Associação' (Support the Association) section provides contact information for donations.

Fonte: (EXORCISTAS — AIE Brasil, 2023)

Dessa forma, é possível notar que o Mal teve diversas fases na história da cultura europeia e, no Brasil, não foi diferente. A figura do demônio, desde o colonialismo até os dias atuais, é representada e transformada no imaginário brasileiro, “a narrativa humana não pôde ser contada e a vida humana não pôde ser vivida separadamente da ‘vida’ do Diabo” (Almond, 2021, p.19). Nos anos 1970, juntamente com as mídias cinematográficas e religiosas, a presença do Mal aumentou significativamente neste território. Uma das maneiras de se livrar deste problema é realizando rituais de exorcismos.

3 RITOS DE EXORCIZAR EM MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS BRASILEIRAS

Algo 'é' performance quando os contextos histórico e social, a convenção, o uso a tradição, dizem que é. Rituais, jogos e peças, e os papéis da vida cotidiana são performances porque a convenção, o contexto, o uso e a tradição assim dizem. Não se pode determinar o que 'é' performance sem antes referir às culturas específicas. Não existe nada inerente a uma ação nela mesma que a transforma numa performance ou que a desqualifique de ser uma performance. A partir da perspectiva do tipo de teoria da performance que proponho, toda ação é uma performance. Mas da perspectiva da prática cultural, algumas ações serão julgadas performances e outras não; e isto varia de cultura para cultura de período histórico para período histórico. (Schechner, 2011, p.12)

Neste capítulo, abordaremos o ritual de exorcismo realizado no Brasil. No primeiro subtópico, trataremos do ritual no período colonial brasileiro. Como ele chegou ao país e como o demônio, que era europeu, se adaptou às terras canárias.

Para isso, será realizada uma análise histórica com autores dedicados ao estudo da vida dos indivíduos no país no período colonial. Através destas pesquisas, procuraremos compreender a pluralidade religiosa presente aqui, bem como a forma como a imagem do Mal foi se adaptando ao meio.

No subtópico seguinte, será discutido o ritual de exorcismo praticado atualmente na Igreja Universal do Reino de Deus. O trabalho será realizado através de pesquisas bibliográficas e visitas a cultos onde o ritual é realizado. No terceiro subtópico, repetiremos o processo do segundo subtópico, porém as bibliografias e visitas serão realizadas nas Igrejas Renovação Católica Carismáticas.⁹

No capítulo anterior, abordamos as estruturas dos ritos e seus símbolos. Neste capítulo, apresentaremos como o ritual do exorcismo é realizado tanto na RCC quanto na IURD.

3.1 Rituais de exorcismos no período colonial brasileiro

No dia 22 de abril de 1500, os portugueses chegaram às terras que hoje conhecemos como Brasil, mas é sabido que as atividades por aqui começaram há mais de 20 mil anos¹⁰.

⁹ Não realizamos trabalhos de entrevistas, somente participaremos das missas assim como no culto da IURD, para observação da realização do ritual de exorcismos.

¹⁰ No Parque Nacional na Serra da Capivara, há pinturas rupestres que datam de 23 mil anos atrás, e outros vestígios que datam mais de 48 mil anos atrás. Para mais informações ler: Fábio Parenti, Niède Guidon, & Georgette Delibrias, "The Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada: Stratigraphy and Chronology," Australian Studies (1988): S3-S11.

Estudos arqueológicos revelaram vestígios humanos e, dentre esses vestígios, há evidências de que esses grupos que aqui viviam já praticavam suas religiões e realizavam seus rituais.

Dessa forma, apesar de não ser uma descoberta, os grupos que aqui viviam já tinham suas organizações sociais, políticas e religiosas. De acordo com a historiadora Laura Mello de Souza, os portugueses que aqui chegaram acreditavam que a sua vinda era uma consequência divina:

Era, pois, generalizada, sobretudo entre os eclesiásticos, a ideia de que o descobrimento do Brasil fora ação divina; de que, dentre os povos, Deus escolhera os portugueses; de que estes, uma vez senhores da nova colônia, tinham por dever nela produzir riquezas materiais — explorando a natureza — e espirituais — resgatando almas para o patrimônio divino. (Souza, 1986, p.35)

Assim, logo após a chegada dos portugueses, houve uma celebração religiosa para batizar a terra, que foi chamada de Terra de Santa Cruz.

Quando as caravelas de Cabral ancoraram em Porto Seguro, parte da tripulação desembarcou para assistir a uma missa rezada para celebrar o achamento de novas terras, no dia 26 de abril. Em 1º de maio ergue-se uma grande cruz de madeira, que veio dar nome ao Brasil: Terra de Santa Cruz. (Priore, 1994, p.7)

Imagem 12: Primeira missa no Brasil, 1860



Fonte: (VICTOR MEILRELLES: Primeira missa no Brasil, 1860. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes, 2021).

Nos períodos de descoberta, os portugueses se declaravam missionários, pois, além de crer, tinham que propagar a fé católica (Souza, 1986, p. 49). De acordo com eles, só conseguiram encontrar aquelas terras antes de outros colonizadores por vontade divina:

Jaboatão — outro frade — enxergou o descobrimento do Brasil como sobrenatural e miraculoso: por muitos anos Deus mantivera oculta a existência desta dilatada região, desvendando-a pôr fim aos olhos dos homens e permitindo que deste tesouro colhesse o Céu “multiplicados lucros”. Prodigioso não é apenas o que ocorre de forma sobrenatural e milagrosa, mas também “o que naturalmente acontece fora da ordem comum das coisas”, tal como se deu como o descobrimento do Brasil, por isso miraculoso e sobrenatural. ... O descobrimento revela e reforça a existência de Deus: milagre divino, eis o que foi o achamento da colônia portuguesa na América. (Souza, 1986, p.43–44).

De um lado, o Brasil era considerado um paraíso na terra pela inocência dos indígenas que aqui habitavam, com seus corpos nus e sem nenhuma maldade. Por outro lado, esses mesmos indígenas foram considerados pecadores por andarem nus e adorarem outros deuses que, na verdade, seriam demônios disfarçados para os enganar.

Gandavo, fala demoradamente sobre a “multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil”, enfatizando seus caracteres negativos: ameaçam a segurança dos colonos, combatem com armas na mão “todas as nações humanas” [...], **não pronunciam o F, o L e o R e, por conseguinte, não têm Fé, Lei ou Rei**, “vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida”. (Souza, 1986, p.80, grifo nosso).

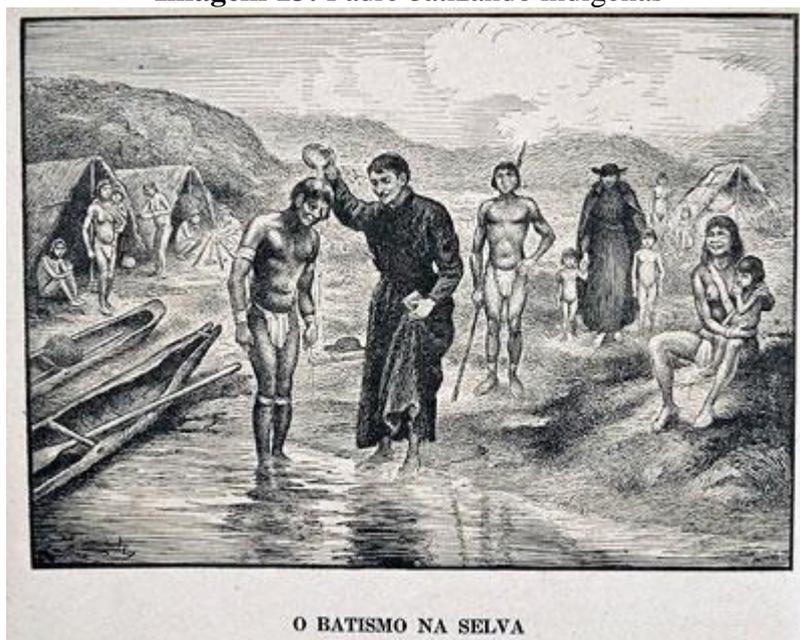
Assim, era mais do que necessário, segundo os portugueses, intervir. O demônio perdeu a batalha na Europa devido às lutas enfrentadas pelos fiéis, o que o levou a fugir para outras terras, como o Brasil (Souza, 1986, p.95). Diversos missionários relatam suas batalhas contra o demônio, onde tiveram que se manter fortes para salvar essas terras (Souza, 1986, p. 96–97).

O Novo Mundo era inferno sobretudo por sua humanidade diferente, animalesca, demoníaca, e era purgatório sobretudo por sua condição colonial. A ele, opunha-se a Europa: metrópole, lugar de cultura, terra de cristãos. Na Europa, pois, o Céu era mais próximo, mais clara e inteligível a palavra divina. Na colônia, tudo se esfumava e se confundia: “A letra, que por essas partes me parecia clara, cá se me torna obscura, não sei se será de andar entre gentes que continuamente se comem uns aos outros e andarem envoltos em sangue humano”, diria o padre Azpilcueta Navarro, [...]. (Souza, 1986, p.107).

A necessidade de libertar os indígenas das forças do Mal era tão premente que, nas missas e ensinamentos bíblicos, predominava a ênfase em satanás em detrimento de Deus. “No final do século XV, pregadores e clérigos saturavam seus sermões com um vocabulário diabólico. No catecismo do jesuíta Canisius, o nome de Satã é citado 67 vezes, enquanto o de Jesus o é apenas 63.” (Souza, 1986, p.185–186). Muitos indígenas não compreendiam o significado da religião católica, mas passaram a ter medo do demônio, e, caso morressem, poderiam ir para o Inferno. Começaram a seguir o cristianismo (apesar de não abandonarem as suas crenças religiosas) por medo do perigo desse Mal. Até o presente momento, os povos originários ainda praticam os ritos religiosos que seus ancestrais lhes ensinaram, mas também frequentam os cultos evangélicos e/ou as missas.

Os índios apavoravam-se tanto com a ideia do diabo que chegavam a morrer de puro medo do inferno. Ou então, como os índios de que fala a carta dos meninos do colégio da Bahia, e 1552, ficavam cheios de medo e de espanto ante a possibilidade de morrerem os maus e irem “para o inferno a arder com os diabos”. Temerosos dos maus espíritos, eles os inseriam, entretanto num corpo de crenças em que tinham sentido específico, sendo possível contornar suas virtualidades negativas e conviver com elas. Os jesuítas e sua concepção europeia altamente demonizada fizeram com que a ideia do mal se tornasse insuportável. Para eles, a alteridade da cultura indígena era demoníaca, conforme se mencionou no capítulo anterior, sendo a colônia a terra em que evoluíam as hostes dos servidores de Satanás. (Souza, 1986, p.189).

Imagem 13: Padre batizando indígenas



Fonte: (Pronto-socorro colonial - A Igreja se rende aos índios)

Contudo, os portugueses tiveram dificuldades em converter todos os habitantes dessas terras, principalmente porque havia mais pessoas que precisavam ser convertidas do que aquelas que as converteriam. O cenário não era favorável para os evangelizadores, uma vez que a maioria das pessoas não falava o mesmo idioma e havia aqueles que não queriam ser convertidos. Alguns jesuítas se valeram das mitologias dos povos indígenas para traduzir o bem e o mal, como, por exemplo:

Os jesuítas, procurando catequizar os mais propensos à aculturação católica, separavam as crianças da tribo, os curumins, e souberam combinar a crença animista deles da entidade maligna, **o Jurupari, associando ao mau cristão designado como o Diabo**. [...] Jurupari, depois o Diabo ao ser interpretado pelo catolicismo inaciano, ficava sempre à espreita, pronto para castigar e levar a alma do desobediente ao Inferno. A associação de Jurupari ao mau cristão, adverte-nos do desconhecimento indígena do conflito entre o bem e o mal. Tal dualismo religioso foi introduzido pelos missionários cristãos reinterprestando elementos de sua religiosidade: **Tupã, força ligado ao raio, fundiu-se com Deus cristão. Do outro lado, Anhangá, uma espécie de espírito maligno, associou-se ao Demônio** (Laube, 2006). Outra prática a ressaltar na religiosidade indígena foi a pajelança. Consistia em comunicações feitas pelo pajé através de danças e uso de instrumentos musicais, como o maracá, para o controle ou afastamento de espíritos imersos no mundo natural e espiritual indígena. O uso do

tabaco e de outras plantas psicoativas, como a Ayahuasca, a Jurema, eram considerados como “meios de aumentar o poder de evocação” e de atingir estados de consciência para contatar o mundo espiritual (Junqueira, 2004:298). (Macedo, 2008, p.7 grifo nosso).

Não obstante, o Brasil colônia não sofreu apenas influências católicas e indígenas que aqui habitavam, mas também de etnias africanas que chegaram através da escravidão, formando, dessa forma, uma religiosidade miscigenada com características únicas.

Uma colônia escravista estava, pois, fadada ao sincretismo religioso. Outorgado, talvez, num primeiro momento, pela camada dominante, o sincretismo afrocatólico dos escravos foi uma realidade que se fundiu com a preservação dos próprios ritos e mitos das primitivas religiões africanas. Cultuava-se São Benedito, mas cultuava-se também Ogum, e batiam-se atabaques nos calundus da colônia: nas estruturas sociais que lhes foram impostas, os negros, através da religião, procuraram “nichos” em que pudessem desenvolver integralmente suas manifestações religiosas. (Souza, p.128–129)

Havia diversas religiões, mas o domínio português ainda dificultava a expressão de suas crenças. Sendo assim, os escravos passaram a traduzir (ao contrário dos indígenas, que traduziram suas mitologias para se integrarem ao catolicismo), suas religiosidades em algo que os portugueses pudessem reconhecer e aceitar. Em outras palavras, mantiveram os cultos religiosos às suas divindades, mas com nomes de santos católicos. Nesse período, o papel do curandeiro tomava novos contornos, pois havia muitas doenças virais, picadas de animais peçonhentos e até mesmo casos de possessões (Costa, 2012, p.112), o que levava as pessoas a se tratarem com esses curandeiros. A maioria era de escravos que utilizavam seus rituais e práticas ancestrais para ajudar as pessoas no dia a dia.

É interessante observar a simbiose entre o rito do deus africano Courá (que tem o mesmo nome do dialeto africano) e o rito católico, uma vez que a sacerdotisa negra Nossa Senhora do Rosario e Santo Antônio. De certo modo, ao cultuar os santos católicos, os africanos estariam cultuando seus próprios santos, com outros nomes. (Priore, 1994, p.31).

Dessa forma, é possível notar que o demônio cristão chegou ao Brasil com os portugueses e, com a mistura de religiões que aqui se estabeleceram, a figura do Mal pôde crescer e se diversificar. No período colonial, o demônio assumiu a forma de entidades indígenas e africanas, variando de acordo com as necessidades do momento. São momentos que, ao longo da história brasileira, ganharão novos contornos, tais como a fome; a depressão; a falta de dinheiro; a inveja; e assim por diante. Haverá diversos tipos de demônios no país e, à medida que novas igrejas surgirem, mais tipos de Mal se manifestarão. Sendo assim, em um país com tantas dificuldades, é necessário que haja uma grande quantidade de exorcistas para expulsá-los.

3.2 Sai em nome de Jesus!; exorcismos realizados hoje em dia Igreja Universal do Reino de Deus

O medo do demônio não se limita às ideias do catolicismo. Além disso, diversas outras religiões têm o demônio como seu principal inimigo. Um dos exemplos é o pentecostalismo, que surgiu nos anos 1910 nos Estados Unidos:

Mas, se fôssemos estabelecer, na história cultural do cristianismo, um ponto de partida para o estudo do pentecostalismo, onde ele seria localizado? Há quem atribua a Montano, um cristão do segundo século, a luta pela recarismatização da cristandade. Isso porque, segundo Montano, por volta do ano 150, os cristãos já haviam abandonado certos carismas, por exemplo: “falar em línguas”, “receber revelações divinas” ou esperar pelo poder da divindade “sinais”, “curas” e “maravilhas”. Ora, as conseqüências da pregação de Montano foram intensas e fortes, pois séculos depois ainda existiam comunidades cristãs com um perfil semelhante ao de igrejas pentecostais modernas. (Campos, 2005, p. 103)

De acordo com Lévi-Strauss (2021), os elementos culturais devem ser analisados em pares de oposição, o que representa o funcionamento das sociedades, como, por exemplo, o bem/o mal, o dia/a noite, o certo/o errado, entre outros. O pentecostalismo é um exemplo disso. Seu foco principal é o êxtase religioso; o estudo das línguas; e o batismo do Espírito Santo. De acordo com a regra de Lévi-Strauss, acredita-se em possessão, xenoglossia e “vodu”¹¹.

Charles Parham foi uma figura emblemática entre os pioneiros do pentecostalismo, pois se tornou o primeiro pregador a fazer a ligação entre experiências extáticas, com manifestações de transes e glossolalias (o falar em “línguas desconhecidas”), e a teoria do “batismo com o Espírito Santo”, conforme observações de Burgess e McGee (1995, p. 660). Essa experiência mística foi identificada por eles como idêntica à que tiveram os apóstolos de Jesus no período da Festa de Pentecostes (Campos, 2005, p.108)

Segundo o sociólogo Paul Freston, ao tratar do Brasil, o pentecostalismo apresenta três ondas:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). [...] A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil Para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). [...] A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Suas principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). (Freston, 1993, p. 66).

¹¹ Vodou é um termo genérico, utilizado principalmente por religiões pentecostais para falar de práticas de religiões afro depreciando-as, sendo isso, uma intolerância religiosa. Vodou na verdade é uma tradição religiosa nascida na região da África ocidental situada no Golfo da Guiné.

O neopentecostalismo é uma das vertentes da terceira onda, especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus. Edir Macedo traz o Diabo midiático que se configura como uma manifestação planejada e intencional, de caráter extravagante, com o objetivo de convencer os devotos de que a IURD é a instituição mais apta a proporcionar segurança a seus membros contra as forças do Mal. E esse diabo atualmente, pode ser ouvido no rádio, visto na televisão e está amplamente disponível. “No neopentecostalismo principalmente na IURD, suas principais características são: 1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da Teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade.” (Mariano, 2014, p.36). Deste modo, a IURD se destaca por sua ênfase nos rituais de cura, como o descarrego e o exorcismo, que estão presentes em todos os cultos para legitimar a sua mensagem. Os rituais compreendem um tipo de exorcismo no qual os pastores confrontam e expulsam demônios, que são frequentemente associados aos orixás das religiões afro-brasileiras, em uma performance que envolve o transe e aplausos dos fiéis. A libertação dos demônios é considerada crucial para a eficácia terapêutica do processo. (Oro, 1993, p. 307).

Diante da intensa luta contra o demônio, a linha iurdiana repagina o ritual do exorcismo (lembramos que o exorcismo não foi criado no mundo católico, ele já existia em outras religiões antes mesmo da existência do catolicismo) católico, desenvolvendo uma nova performance ética e esteticamente chamativa. A estratificação demonológica é uma inovação que a igreja trouxe para este ritual. Se estiver localizada em um bairro de classe média-alta, as principais manifestações dos demônios são: falta de dinheiro, depressão e ansiedade. Já nos bairros de baixa renda, temos as entidades religiosas afro-brasileiras *Tranca-Rua*, *Pomba-Gira* e *Preto-Velho* (entidades de religiões afro). Dessa forma, a igreja compreendeu que a geografia influencia o tipo de medo, como, por exemplo, nas classes mais privilegiadas, o medo mais comum é a falta de dinheiro. Enquanto nas classes mais baixas, a maioria dos frequentadores são mulheres, que estão preocupadas com entidades que prejudicam sua família como o *Preto-velho* e, o casamento como a *Pomba-gira*. Leonildo Campos aponta que, na África, no Japão e na Europa, os demônios manifestados pela IURD estão intimamente ligados às bruxarias das religiões tradicionais (Campos, 1997, p.338).

No Brasil, de acordo com a Igreja Universal, os principais inimigos são os Seres das religiões da Umbanda e Espiritismo. Assim, a IURD aborda um sincretismo religioso, incorporando seus rituais como um plágio simbólico. Ela faz isso para "provar" que somente a IURD é a verdadeira, tendo como objetivo a eliminação dos demônios; por isso, carrega esse

nome de Igreja Universal do Reino de Deus, pois é o Reino de Deus aqui na Terra. Um ritual bastante conhecido são as sessões de descarrego realizadas às sextas-feiras para limpar e fechar o corpo, semelhante ao ritual praticado na Umbanda. Ela também serve para purificar as energias, sendo realizada às sextas-feiras em honra a Oxalá. Na Umbanda, os líderes usam branco para homenagear Oxalá como pai purificador na segunda-feira. Na IURD, os pastores também usam branco como forma de limpeza. Assim como as práticas de objetos unguídos, a neopentecostal adotou da Umbanda oferecer óleos unguídos, rosas abençoadas e lenços para as pessoas usarem em seus alimentos e em seus corpos como uma técnica de limpeza, removendo todas as energias negativas.

Essa ligação entre a Umbanda e a Igreja Universal do Reino de Deus mostra as mentalidades preconceituosas e intolerantes presentes na sociedade brasileira de diversas formas. A criação dessa dialética reflete estereótipos e preconceitos intrínsecos, evidenciando a exclusão das práticas religiosas afro-brasileiras. A IURD se aproveitou desses preconceitos, demonizando as manifestações religiosas da Umbanda. A reconfiguração de elementos ritualísticos e simbólicos tem um impacto significativo na formação da conexão entre a Umbanda e a Igreja Universal. Na Umbanda, é comum a ressignificação de experiências, ideias e conceitos, ajustando-se às mudanças na perspectiva dos indivíduos. No contexto da conexão entre as duas religiões, elementos umbandistas são selecionados e transformados para atender aos interesses proselitistas da IURD. A IURD usa esses elementos, como o sal grosso e as plantas usadas em rituais, para demonstrar a superioridade da sua cosmovisão em relação à Umbanda. Aqui apresentamos novamente a ideia de Lévi-Strauss (2021), que elementos culturais devem ser analisados em oposição, neste caso, IURD/Umbanda; luta contra o mal/intolerância religiosa; livramento de almas/discriminação. Conforme Ronaldo de Almeida, a Igreja Universal “negar/assimilar é a chave para a compreensão dos mecanismos simbólicos do expansionismo evangélico que encontra entre os pentecostais a sua maior intensidade.” (Almeida, 2006, p. 115).

Durante os cultos¹² na IURD, alguém sempre se manifesta durante a oração de cura e libertação. Em algumas ocasiões, podem ser crianças, mas os pastores, assim que percebem isso, solicitam que a entidade entre em sua mãe ou pai, a fim de evitar que ela se machuque. Assim como no ritual católico para expulsar o demônio, é necessário saber o nome da entidade

¹² Para este estudo foram visitados alguns cultos em várias regiões na cidade de Belo Horizonte, assim como, assistir via internet.

que está na pessoa. No entanto, os pastores nunca estão satisfeitos com a entidade presente, sempre chamam pelo “chefe”, sendo a partir dele que fazem a expulsão em nome de Jesus.

O ritual católico tradicional tem como objetivo finalizar o rito o mais rápido possível (em tese) e quanto menos contato com o demônio houver, melhor será. Na IURD¹³, é possível empregar o conceito de Campos (1997) de que os cultos são "culto-espetáculo", consistindo em algumas ações até o momento do exorcismo. Inicia-se o culto com orações e louvores a fim de abrir caminho para o sagrado. No início do culto, o pastor deixa o público em êxtase, todos em um mesmo ritmo. De forma repentina, algumas pessoas começam a cair e demônios tomam posse de seus corpos (Campos, 1997, p. 96). O líder religioso possui total controle sobre o Mal, ordenando que a entidade espere (normalmente com as mãos atrás das costas, como se estivesse amarrada), enquanto conversa com a igreja ou conversa com o demônio. Ele questiona quem mandou o demônio para aquele indivíduo.

Nos cultos neopentecostais, entre eles os da Igreja Universal, a “amarração de demônios” é uma atividade constante, porque são vistos como entidades rebeldes, que estão sempre escapando dos laços do exorcista. Por isso é preciso constantemente “colocar os demônios sob os pés”, “pisá-los com energia”, demonstrando-se assim o poderio do Senhor Jesus sobre as forças do mal. (Campos, 1997, p.336).

A presença do pastor na Igreja Universal durante os rituais é considerada onipresente, no entanto, apesar de desempenhar um papel fundamental no culto, a IURD sustenta que somente Jesus tem o poder de curar. Isso ocorre porque seu propósito é criar mega-igrejas que possam funcionar sem o pastor "celebridade". Mesmo que esse pastor deixe o cargo, o espetáculo permanecerá o mesmo. Edir Macedo é o único que possui o "carisma pessoal" (Campos, 1997, p.97). Se ocorrer algo indesejado com algum líder religioso, a Igreja não será manchada, já que está acima deles. Diferente dos casos que acompanhamos, como, por exemplo, na Igreja Católica, onde padres fazem algo indevido e toda a organização fica prejudicada. Há também o recente caso da mega-igreja *Hillsong* (denominação pentecostal), em Nova York, onde o pastor Carl Lentz¹⁴ (as pessoas iam aos cultos por causa dele, ele era um pastor celebridade) teve que ser afastado da igreja por diversos acontecimentos graves, o que

¹³ Diferente da Igreja Católica Tradicional, a IURD realiza entrevista com o demônio, tenta prolongar o ritual do exorcismo, justamente para legitimar a Igreja, mostrando que o Pastor tem a autoridade divina e ele consegue controlar as forças do Mal.

¹⁴ Carl Lentz pastor celebridade e das celebridades, foi acusado de trair sua esposa, utilizar dinheiro da igreja para bem próprio, como compra de carros importados, roupas de marcas. Alienava os membros da igreja com passagens da Bíblia ao qual ele mesmo não vivia. Para mais informações ver documentários: *The secrets of Hillsong 2023* e, *Hillsong a megaChurch exposed 2023*.

levou muitos fiéis a desistirem de serem membros, maculando a imagem da Igreja por todo o mundo.

Ao contrário das Igrejas Católicas, que são decoradas com ouros e imagens de santos, as Igrejas Universais têm salões simples: à frente, no centro, está o palco-altar, com um órgão electrónico (instrumento muito importante para o culto), uma mesa coberta com um pano branco, um cálice de vinho, pão, jarra de água, galheteiro com azeite, castiçal com sete velas e a Bíblia (Ruuth; Rodrigues, 1999, p.51). A falta de detalhes arquitetónicos é compensada pela riqueza simbólica dos objetos que estão sobre a mesa e outros que surgem durante o culto.

Como justificativa, essa igreja pentecostal afirma que os objetos mágicos são na verdade ‘pontos de contactos’ e apresenta a seguinte explicação: muitas pessoas necessitam de sinais exteriores, de coisas concretas para fortalecer sua fé e foi por essa razão, por exemplo, que Jesus Cristo curou um cego fazendo um emplasto, misturando a sua saliva com terra (João 9:6). Para reforçar esta ideia, afirma a Igreja Universal nos seus Estatutos (cap.VI): ‘nem todas as pessoas necessitam de ‘pontos de contactos’ para desenvolverem fé suficiente; mas a maioria precisa, razão pela qual realizamos em nossos trabalhos as correntes e distribuimos coisas ligas à palavra de Deus’. (Ruuth; Rodrigues, 1999, p.75).

Edir Macedo enfatiza a relevância de demonstrar o poder da fé sobre os demônios em sua igreja, afirmando que o Evangelho é um poder que deve ser usado para derrotar Satanás. O ritual de exorcismo na Igreja Universal do Reino de Deus envolve a participação coletiva dos presentes, com o líder e os membros apoiando com gritos e gestos fortes para expulsar os demônios. Durante o exorcismo, há uma grande dramatização, com o pastor conversando com o demônio e agarrando com violência a cabeça do possuído, argumentando que é nessa parte do corpo que os espíritos do Mal se alojam. A abordagem agressiva da IURD em relação à cabeça dos possuídos é descrita como uma agressão simbólica, em contraste com a delicadeza com que o Candomblé e a Umbanda lidam com essa área do corpo. A violência simbólica exercida pela igreja é apontada como uma maneira de confrontar e derrotar os espíritos malignos. (Ruuth; Rodrigues, 1999).

Sendo assim, a Igreja Universal do Reino de Deus trata o exorcismo de uma maneira diferente, com uma abordagem mais agressiva e dramática em comparação com a prática tradicional católica. Na IURD, a prática do exorcismo é intensa, envolvendo movimentos vibrantes, encenação e conversas com os demônios durante o ritual. O pastor é o responsável pelo processo de exorcismo, contando com a participação coletiva dos fiéis que apoiam com gritos e movimentos para expulsar os demônios. Há uma grande ênfase na demonstração do poder da fé sobre as forças do Mal, e a abordagem agressiva da IURD em relação aos possuídos é descrita como uma forma de enfrentar e derrotar os espíritos malignos. Essa abordagem

diferente reflete a ênfase da IURD na guerra espiritual e na libertação dos fiéis de influências demoníacas, como parte de sua religião.

3.3 *Vade retro, Satana!*; exorcismos realizados por católicos carismáticos na atualidade

A Renovação Carismática surgiu em 1967, nos Estados Unidos, em três cidades universitárias: South Bend; Pittsburg e Michigan, onde ocorriam retiros para revigorar a fé. Dentre os cristãos, havia alguns pentecostais que, juntos, buscaram uma renovação através de danças e cantos, resultando em euforia coletiva e criando a Renovação Carismática. A partir dos Estados Unidos, ela se espalhou pelo mundo. Suas principais premissas são: conversão pessoal; batismo no Espírito Santo; dons espirituais (carismas) - entre estes carismas estão: falar em línguas (glossolalia)¹⁵ e receber o Espírito Santo (êxtase¹⁶ religioso). Assim sendo, Pentecostalismo e Renovação Carismática Católica surgiram nos Estados Unidos, mas desde o início buscaram demonstrar uma clara oposição.¹⁷

O Movimento Católico Carismático, também conhecido como Pentecostalismo Católico, chegou ao Brasil no final dos anos 60, em pleno regime militar. Ele foi introduzido pelos sacerdotes Padre Eduardo Dougherty fundador da Associação do Senhor Jesus e idealizador da Rede Século 21 em Campinas. E pelo Padre Haroldo Rahm fundador de várias ONGs na Vila Brandina, em Campinas, com objetivos de ajudar as comunidades mais pobres. O MCC foi bem recebido, uma vez que na mesma época havia surgido a Teologia da Libertação, que era considerada contrária aos militares da época, uma vez que essa corrente de pensamento aplicava o Evangelho em questões políticas e sociais com base marxista (Toscano, 2001). Essa prática deveria ser impedida. Apesar de não se manifestar publicamente, era visível a oposição da RCC à Teologia da Libertação.

¹⁵ Glossolalia do grego *γλώσσα*, "glóssa" [língua]; *λαλώ*, "laló" [falar], a glossolalia religiosa é falar a língua dos anjos. Já a Xenoglossia do grego *ξένος* "xen(o)" [estranho, estrangeiro]; *γλώσσα*, "glóssa" [língua], a xenoglossia religiosa é falar língua enganosa, ou seja, falar a língua do demônio.

¹⁶ No período de Reforma Protestante, a Igreja Católica fez algumas mudanças em todas as áreas da Igreja, assim como no vocabulário. Os termos: êxtase; transe e possessão que até então era usado também para coisas boas quanto más, foram separadas. Êxtase agora é visto como algo vindo do divino e possessão e transe como algo demoníaco.

¹⁷ Para mais informações ler: Oro, Ari Pedro; Alves, Daniel. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? *Religião & Sociedade*, v. 33, n. 1, p. 122-144, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-85872013000100007>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Embora conte com aspectos que podem até ser tidos como positivos, a RCC colocando-se, na maioria das vezes, como defensora dos valores do tradicionalismo romano, apresenta uma tendência para se estratificar na própria Igreja Romana. Só não podia imaginar o Vaticano que, ao defender a RCC como sua ponta de lança na oposição intolerante à Teologia da Libertação, mais cedo ou mais tarde pudesse deparar com uma RCC independente, cismática dentro de seus muros. (Toscano, 2001, p. 36)

A RCC é reconhecida pela Igreja Católica, mas tem certa autonomia, como, por exemplo, a realização de rituais de exorcismo sem a autorização da Igreja. Eles consideram esse ritual como as pentecostais, algo público e, geralmente, uma vez por semana, a missa é dedicada à cura e libertação. A classificação demonológica segue a linha iurdiana de incluir as entidades das religiões afro-brasileiras. Frequentemente denominamos o Mal como algo que nos contradiz. No Antigo Testamento, a narrativa é contada através da perspectiva judaica, e o Mal é associado aos Deuses dos grupos que se opunham a eles, tanto politicamente quanto territorialmente. No Brasil não é diferente, demônios como *Baal Zebul* e *Kokabiel* não seriam muito populares por aqui. Infelizmente, a intolerância religiosa começa na igreja, sendo uma forma de defesa que usam para não perder fiéis para outras religiões. Dessa forma, uma boa estratégia é inserir o medo.

E onde esse medo é inserido? Sobre os Deuses do outro grupo. Em um país onde uma das religiões que mais crescem em termos de membros, mas também de território, são as religiões afros, como Umbanda e Candomblé. Suas entidades são bem conhecidas pelo povo brasileiro. Na Umbanda, encontramos *Caboclos*, *Pomba-Gira*, *Preto-Velho*, *Malandros* e outros. No Candomblé, encontramos *Exu*, *Ogum*, *Oxóssi*, *Xangô*, *Oxumarê*, entre outros. A premissa aqui é que as entidades entram no indivíduo por meio de terceiros. Ou seja, alguém que queira prejudicar você irá a um terreiro de religião afro e fará um "trabalho" para você. Dessa forma, a entidade que aceitar irá dominar a pessoa, afetando sua saúde física e mental, assim como a de sua família.

A função do ritual de exorcismo, portanto, seria libertar essa pessoa do seu sofrimento, mas, diferentemente do ritual tradicional da Igreja Católica, uma vez liberto, a pessoa não precisa se preocupar mais com aquele demônio. Na linha iurdiana, a libertação deve ser realizada diariamente. Enquanto houver religião afro, haverá perigo, portanto, é importante que as pessoas frequentem a igreja regularmente e participem dos cultos de cura e libertação. A salvação não é garantida pelo batismo no Espírito Santo, mas sim pela frequência nos cultos, pelo recebimento do dízimo e pela dedicação à comunidade.

Nas celebrações que visitei em uma RCC, ao contrário da Igreja Universal, os rituais de exorcismo só ocorrem às quartas-feiras nos quatro horários das missas. Assim como na IURD,

os objetos sagrados são relevantes para o funcionamento do ritual. A missa começa como qualquer outra, com louvores e, depois, a palavra bíblica. As passagens bíblicas abordam diversos assuntos, diferentemente da teologia pentecostal que enfatiza o Mal. No entanto, somente no terceiro ato o padre irá chamar o demônio. Antes do ritual de exorcismo coletivo começar, é preciso que o padre e os membros se preparem. O padre vai até uma sala reservada para se conectar com Deus e vestir a estola roxa, enquanto os irmãos fazem fila para serem ungidos na testa pelos diáconos.

Todos ungidos e o padre preparado, mas antes de começar, é necessário que os membros adquiram a vela em forma de cruz para afastar todas as forças negativas.

Imagem14 e 15: Vela e veleiro



Fonte: Acervo pessoal

Esta vela lembra a cruz de caravaca¹⁸, um objeto religioso medieval que, posteriormente, foi introduzido na Umbanda como a cruz de preto-velho, que também serve de proteção e absorção de energias más. Assim como na Umbanda, nesta igreja carismática essa vela pode

¹⁸A Cruz de Caravaca é uma relíquia cristã espanhola com supostos fragmentos da cruz de Cristo, que teria aparecido por milagre em Caravaca de la Cruz em 1232. A cruz desapareceu em 1934, mas foi restaurada com a doação de fragmentos do Santo Lenho pelo Papa Pio XII. Ela também é conhecida como Cruz de Lorena e Cruz de Borgonha. A Cruz de Caravaca é famosa por seus milagres atribuídos.

ser encontrada em diversas tonalidades e com os mesmos significados: amarelo significa descontração, sabedoria e felicidade. Azul claro significa lealdade, fidelidade, personalidade e sutileza. Azul escuro significa profundidade, vivência e estabilidade. Branco: luminosidade, pureza, paz e tranquilidade. Preto: morte, isolamento, medo, solidão, respeito e reverência. Rosa significa afeto e fortalecimento do vínculo amoroso. Verde: crescimento, harmonia, fertilidade e saúde. Vermelho: força, coragem e energia. Dessa forma, compra-se a vela de acordo com a sua necessidade espiritual no momento.

Imagem 16: Cruz de Caravaca



Fonte: (Velas Ciganas)

Deste modo, membros ungidos, padre preparado e velas compradas, todos vão para frente do altar e em uma só voz declaram uma oração entregue a todos.

Imagens 17, 18 e 19: Folder de oração de exorcismo

EXORCISMO

“Vigiai e orai, pois o demônio anda ao seu redor como um leão rugindo buscando a quem devorar”

Todo aquele que recitar este exorcismo, pondo em fuga o demônio. Pode preservar de grandes desgraças a si mesmo, à família e outros.

Esta oração pôde ser rezada por todos, mas nunca sozinho.

Pode ser rezada na Igreja, nas casas e nas ruas, sempre com duas ou mais pessoas.

Aconselha-se rezar em casos de discórdia de família; de blasfêmia; contra heresias; para obter solução nos negócios; ou em ocasiões consideradas de perigo espiritual. Esta oração é forte e poderosa em caso de doenças.

Aconselha-se mandar celebrar uma missa em Ação de Graças, oferecida a São Miguel Arcanjo e Santo Expedito, sempre que se conseguir alguma graça.

Missa e prece^o a São Miguel Arcanjo e Santo Expedito, todo 1^o Domingo de cada mês às 09:00hs com bênção especial para enfermos e necessitados.

PODEROSA ORAÇÃO CONTRA O TERRÍVEL INIMIGO, O DEMÔNIO

S - Em nome de Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor, com a intercessão da Imaculada Virgem Maria Mãe de Deus, de São Miguel Arcanjo, dos Santos Apóstolos e de todos os Santos do Céu, nós iniciamos agora esta batalha para afastar possessões doencas, macumbarias, feitiçarias, todo e qualquer mal que estiver te perturbando. Que o Senhor Deus dos Profetas, Deus do Céu e da Terra, Deus de nossos pais, apareça e sejam dispersos os seus inimigos e fujam da presença de Deus aqueles que o odeiam. Que diante do Rosto de Deus, presente aqui e agora, desapareça o demônio, como desaparece a fumaça e como derrete a cera das velas. Fuja daqui ó serpente maldita.

T - O nosso auxílio está no nome do Senhor, que fez o céu e a terra.

S - Eis a cruz de Cristo, fujam potências inimigas.

T - Que tua misericórdia Senhor, venha sobre nós.

S - Seja bendito o nome do Senhor.

T - Destie agora e para sempre.

S - Nós te exorcizamos, espírito imundo, potência diabólica, invasão infernal, em nome do nosso único Senhor Jesus Cristo e pelo poder do Espírito Santo e das almas resgatadas pelo Precioso Sangue do Divino Cordeiro, sai do corpo deste fiel, sai para longe e não voltes nunca mais.

T - Senhor nós confiamos em ti.
(Neste momento o padre exorcista asperge a todos com água

benta, Aqueles que sentirem reações estranhas deve vir mais para frente, junto ao altar)

S - Manda Senhor o Sinal Sagrado da Cruz e o poder de todos os mistérios da nossa fé Cristã, porque agora vamos expulsar para sempre, em teu nome, as forças negativas do mal.

T - Senhor dá-nos força e coragem.

S - Então dragão amaldiçoado, pérfida serpente e toda legião diabólica, nós te esconjuramos, volta para o inferno, de onde vieste, eu te ordeno, em nome de Deus Vivo, pelo Deus Verdadeiro, pelo Deus Santo, cesse de enganar as criaturas humanas, cessa de derramar sobre elas o veneno de condenação eterna e de danificar a Igreja armando laços à liberdade. Vai-te embora, Satanás, inventor e mestre dos enganos, inimigo da Salvação do homem. Cede lugar a Cristo, cede lugar à Igreja.

T - Vem Senhor nos ajudar contra o mal.

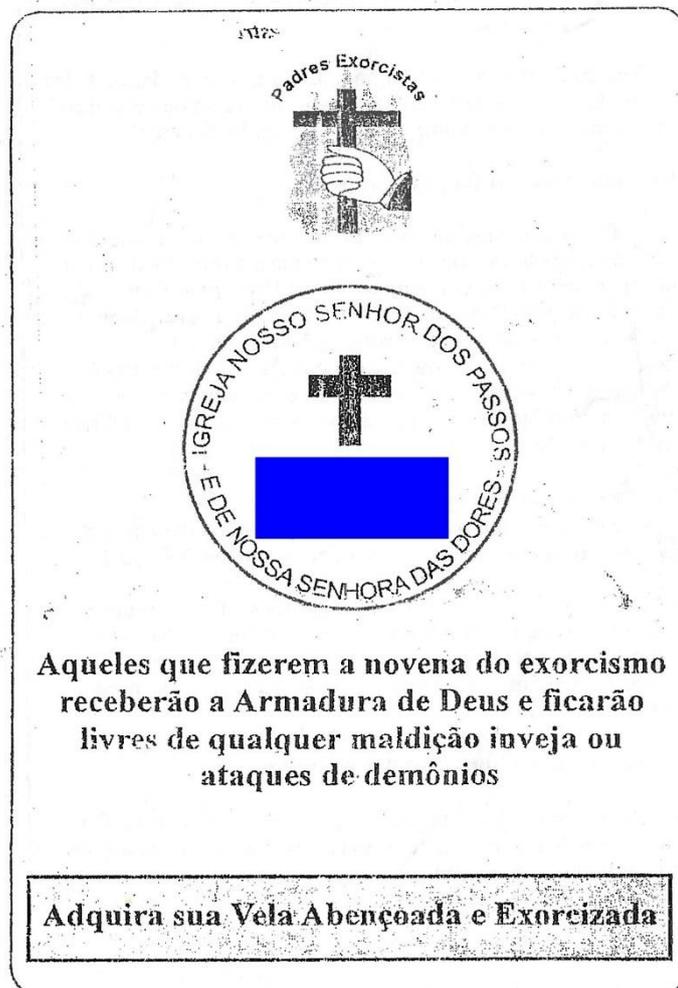
(Agora o exorcista impõe as mãos consagradas em nome de Jesus e afasta para sempre o demônio e suas influências)

S - Humilha-te debaixo da Mão Poderosa de Deus, treme e foge à invocação feita por nós do Santo e Terrível Nome de Jesus, aquele que fez tremer o inferno e abalou o céu ressuscitando para vencer a morte. Foge daqui para sempre e não voltes mais.

T - Santo é o Senhor, Deus dos exércitos.

S - Mãos ensanguentadas de Jesus, que foram feridas na Cruz, afastai-nos dos pecados, curai as enfermidades, livrai-nos de todo mal agora e sempre.

T - Amém.



Fonte: (Acervo pessoal)

Há orientações na primeira página sobre como se preparar para realizar as orações. A frase inicial indica que o demônio é o grande inimigo e é frequentemente associado ao leão. No livro de 1 Pedro, capítulo 5, versículo 8, entendemos essa ligação: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, **bramando como leão**, buscando a quem possa tragar;” (grifo nosso). Outra dica é não fazer a oração sozinha, pois a força do inimigo pode te atormentar. É recomendável celebrar missas em honra a Santo Expedito, que é o protetor de questões urgentes e ajuda em momentos de aflição. Além disso, São Miguel Arcanjo é o protetor da saúde física e espiritual e foi ele quem derrotou o diabo.

Assim como na IURD, a oração de exorcismo é solicitada em nome de Jesus Cristo, na luta contra as “macumbarias” e “feitiçarias”, associando-se a religiões afrodescendentes. A eficácia simbólica dos objetos e gestos é tão relevante que está escrito no folheto quando o sacerdote deve derramar água benta sobre as pessoas ou quando se deve levantar as mãos. De

todas as missas que participei nesta comunidade, nunca vi o padre ou a igreja saindo do roteiro. Enfim, até eu sabia o que fazer e quando fazer.

Na última página, é indicado que, se seguir o folheto, você será libertado do demônio e suas maldições, e não se esqueça de adquirir sua vela. Depois do ritual, as pessoas se dirigem ao veleiro para deixar suas velas derreterem até o final, levando consigo o Mal.

Como na IURD, vende-se óleos para unção, lenços para limpar feridas físicas e espirituais. A Cientista da Religião Patrícia Rodrigues trabalha com a cultura material e traz a ideia de estudá-los através da Religião "sensual". Segundo ela, não é necessariamente sexual, mas sim os aspectos percebidos pelos sentidos nas religiões, como mantras, música sacra, ícones, dentre outros. Para compreender a religião, é crucial examinar as sensações humanas relacionadas à *estética* ou *aistética* (termos gregos que têm o mesmo significado). Para ela, o pesquisador Klaus Hock apresenta a disciplina Estética da Religião com o objetivo de desenvolver as Ciências da Religião, considerando fontes não verbais, como música, arte e cultura material. Todas as religiões têm características sensoriais distintas, como o uso de incensos, imagens, músicas, danças e comida. A relevância dos sentidos nas práticas religiosas é clara, abrangendo elementos visuais, sonoros e outros estímulos sensoriais que contribuem para a experiência espiritual dos fiéis (Souza, 2019). Portanto, no ritual de exorcismo, especialmente na carismática, o Padre lança incenso pela igreja, nos transportando para um "outro lugar", assim como os óleos de nardos (tanto nas carismáticas quanto na IURD) são passados nas mãos e testas, levando o cheiro a uma transcendência do sagrado. “Então Maria pegou um frasco de nardo puro, que era um perfume caro, derramou-o sobre os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos.” (A Bíblia [...], 1997, João 12:3, p.2021).

Ao assistir outras missas carismáticas, deparei-me com a celebração de cura e libertação às quartas-feiras ou sextas-feiras. O procedimento é idêntico. O padre começa a missa com louvores, logo depois fala sobre a palavra de Deus e, chegando ao final, faz a oração para libertar as pessoas. As pessoas se dirigem para a frente do altar, são unguidas com óleo e, se trouxeram algum objeto, como roupas, fotos de familiares, são unguidas. Se não trouxeram nada, colocam a mão no coração. Assim como na neopentecostal, o sacerdote pede para se livrar dos vícios e feitiçarias. No início da oração, ele começa a conversar com Deus para lhe dar o poder de curar as pessoas e, conforme assume o poder, começa a conversar diretamente com o diabo. Nesse ponto (podemos notar também na Igreja Universal), seu tom de voz começa a subir como uma imposição de autoridade.

Os discursos não emanam do interior de sujeitos, nem tão pouco são uma inoculação ideológica que determine o pensamento desses mesmos sujeitos. Os discursos

articulam o conjunto de condições que permitem práticas: constituem cenários que passam a facilitar ou a dificultar as possibilidades, que fazem surgir regras e mentem relações. Definitivamente, as práticas discursivas deixam claro que falar não é só algo mais como também é algo diferente de exteriorizar um pensamento ou descrever uma realidade: falar é fazer algo, é criar aquilo de que se fala, quando se fala. (Iñiguez, 2004, p.94-95).

Nesse cenário, quando a voz começa a subir, é como um aviso para o transe. Diversas pessoas começam a gritar e expressar seus demônios, algumas dançam, outras caem no chão e o padre pede que se afastem e deixem os diáconos cuidarem delas. O rito leva em média dez minutos e, conforme o padre pede para que todo o Mal seja expulso, as pessoas se acalmam. Se alguém ainda apresentar os sintomas, o padre coloca as mãos sobre sua cabeça e reza com mais intensidade até que o demônio saia.

Ao contrário da IURD, onde todos os exorcismos são feitos em público, na carismática, alguns casos são específicos. Com a permissão do padre, pude participar de algumas sessões particulares, onde o procedimento é muito semelhante ao realizado em público. No entanto, o sacerdote carrega consigo uma quantidade maior de materiais, incluindo um livro que não era o *Rituale Romanum*, mas continha várias orações de libertação, além de óleos ungidos e água benta que era jogada no possesso constantemente. Por estar junto, o padre me deu um colar de São Bento ungido para proteção (que eu ainda uso, por precaução). Quando se trata de um caso em particular, pode levar até anos para que a pessoa consiga se libertar completamente.

Segundo Patrícia Rodrigues de Souza, o estudo de cultura material religiosa no Brasil continua em falta. Ainda trazemos muitos elementos europeus para tentar compreender a nossa cultura, devemos nos dedicar mais a esses temas.

Possivelmente por seu processo de formação, que inclui as culturas indígena e africana, o Brasil possui em seu *ethos*, traços de uma materialidade religiosa característica de culturas orais e por esse mesmo processo, que também inclui a colonização portuguesa, é possível que tenhamos aprendido a suprimir ou descartar tais aspectos. Uma vez que aprendemos a enquadrar nossas religiões, com suas particularidades culturais, nas molduras do Velho Mundo, de maneira que nos escapam características importantes e particulares. (Souza, 2019, p.22).

Deste modo, percebemos não somente uma linguagem simbólica imaterial usada, mas também objetos materiais de suma relevância. A influência dos objetos materiais na eficácia dos rituais é crucial, uma vez que esses objetos funcionam como ferramentas que facilitam a conexão entre o mundo material e o espiritual. Utilizar objetos específicos em rituais, como velas, incensos e amuletos, ajuda a manter a concentração e a criar um ambiente propício para a prática ritualística. Além disso, esses objetos conseguem transmitir sensações, emoções e

intenções essenciais para o êxito do ritual, o que reforça a relevância da presença de objetos materiais na execução eficaz dos rituais.

4 RESSIGNIFICAÇÕES NA SIMBÓLICA E SUA EFICÁCIAS

Naquele dia estava muito frio, mesmo ao meio-dia os canos ainda estavam congelados e não havia água. [...]. Resolvi então, ir até a casa mais próxima do bairro buscar água. Mas antes de sair encontrei uma garrafa de limonada. Pensei, limonada é essencialmente água, teria o mesmo efeito que se eu abençoasse só água? Por que não? [...]. A sessão começou logo quando vi que aquele líquido abençoado, embora causasse algum desconforto ao demônio, não o atormentava tanto quanto a água. Perguntei a ele por que isso acontecia. A princípio ele resistiu, depois disse hesitantemente, forçado pela oração, que a água é um símbolo de limpeza... pureza... clareza. Eu entendi assim, o diabo é atormentado de maneira especial por benditos objetos materiais que lembram coisas espirituais. A Igreja abençoou coisas como azeite, sal, pão, água, incenso... A tradição da Igreja fez uso especial de algumas coisas abençoadas e outras não. (Fortea, 2004, p. 221, tradução nossa).¹⁹

No capítulo anterior, abordamos a forma como o ritual de exorcismo foi tratado durante o período colonial e atual no Brasil. Essas observações nos auxiliaram para este capítulo que será dedicado às mudanças do ritual hoje em dia, devido ao pluralismo que envolve nosso país, e se essas mudanças podem ter interferido na ressignificação simbólica e sua eficácia.

Ressignificar é dar um novo significado, e isso é o que vemos desde a chegada dos portugueses às nossas terras. O mundo religioso que havia aqui, com os povos originários, foi influenciado (imposto) pelo catolicismo dos colonos, que também foram afetados pelas religiões de matriz africana trazidas pelos escravos, oferecendo um novo mercado simbólico (Berger, 1985) formando um mundo sincrético²⁰.

¹⁹ No original: Ese día era muy frío, en incluso al medio día la cañerías seguían congeladas y no había agua. [...]. Así que me propuse ir a la casa más próxima del vecindario a por agua. Pero antes de salir me tope con una botella de limonada. Pensé, la limonada esencialmente es agua, ¿tendría el mismo efecto que si bendijera sólo agua? ¿Por qué no? [...]. La sesión comenzó pro pronto ví que aquel líquido bendito aunque al demonio le producía alguna molestia, no le atormentaba tanto como el agua. Le pregunté el por qué de aquello. Al principio se resistió, después dijo entrecortadamente, obligado por la oración, que el agua es símbolo de limpieza... pureza... claridade. Comprendí entonces que al demonio le atormentan de un modo especial las objetos materiales bendecidos que le recuerdan cosas espirituales. La Iglesia ha bendecido cosas como el aceite, la sal, el pan, el agua, el incienso... La tradición de la Iglesia há hecho uso especialmente de unas cosas benditas y no de otras. (Fortea, 2004: 221).

²⁰ Neil Gaiman, um escritor inglês de contos, tem uma obra chamada Deuses Americanos (2011). Essa obra é interessante por sua perspectiva sobre os deuses. De acordo com Gaiman, os deuses antigos chegaram às Américas junto com os colonizadores e os escravos, e aqui criaram novas formas de adoração. Assim, a pluralidade moderna foi capaz de criar novos deuses, como a tecnologia e a mídia. Dessa forma, novos deuses lutam com deuses antigos para determinar quem sobrevive no novo mundo. Se considerarmos que ainda existe o ritual de exorcismo, podemos dizer que são os deuses antigos tentando manter sua existência. Uma das frases que Gaiman escreveu para a série de TV sobre o romance é: *As pessoas criam deuses quando se perguntam por que as coisas acontecem. Você sabe por que as coisas acontecem? Porque os deuses fazem elas acontecer. Você quer saber como fazer coisas boas acontecerem? Seja bom para seu deus. Você dá um pouco. Você ganha um pouco. A simplicidade dessa barganha sempre foi apelativa. É por isso que estamos aqui, e é precisamente por isso que eu importo.*

Sendo assim, quando a IURD surgiu nos anos 1970, o Brasil já vivia um pluralismo religioso, com a coexistência de diversas tradições religiosas, sendo que diferentes grupos conviviam e interagiam, muitas vezes influenciando-se mutuamente. De acordo com Libânio, até os anos 1970, o Brasil era dominado por uma religiosidade intensa, misturando a influência católica com as práticas indígenas e afro-brasileiras. Essa mistura era comparada ao rio Amazonas, que se mostrava tanto para os observadores de fora quanto para os moradores do local. Embora menos visível, o fluxo religioso sincretizado era profundo e significativo. Os brasileiros católicos seguiam sua fé, mas carregavam devoções de diversas origens, muitas vezes ligadas às tradições indígenas e africanas (Libânio, 2008, p.57) E com a Igreja Universal não foi diferente. Desde o início, percebeu que as práticas religiosas e as identidades religiosas poderiam ser negociadas, adaptadas e até vendidas para atender às necessidades de um mercado simbólico diversificado. Dessa forma, ressignificou bens simbólicos afro-espiritualistas, profanou bens sagrados e sacralizou bens profanos. De acordo com Peter Berger, essa divisão entre sagrado e profano tem influência não somente nas práticas religiosas, mas também nas normas sociais, nas instituições e nas identidades culturais. Como uma sociedade estabelece e mantém essa fronteira entre o sagrado e o profano, pode revelar muito sobre suas crenças, valores e estruturas sociais (Berger, 1985).

A Igreja Universal condena o espiritismo e as religiões afro-brasileiras, mas, ao mesmo tempo, os emprega em seus rituais, tais como banhos com água fluida, passes, comunicação com espíritos e eliminação de "encostos". Esses elementos são fundamentais para as práticas rituais da IURD, assim como a relação entre a religiosidade e a magia na sociedade atual. Os rituais de descarrego são destacados como locais em que a igreja se utiliza e transforma os símbolos afro-espirituais para atrair mais fiéis. Ou seja, tem um mercado simbólico que, ao mesmo tempo em que rejeita, adere ao pluralismo religioso. Os símbolos reutilizados são fundamentais para a realização dos propósitos da Igreja.

Ao perceber que o mercado simbólico estava dando certo, a Igreja Católica Carismática viu a oportunidade de também aderir a esses simbolismos. Com o diabo cristão trazido pelos portugueses, encontrou aqui uma porta para se diversificar e se expandir. Tanto a IURD quanto a RCC se aproveitaram dessa onda de "demonização" (criada por elas) para legitimar seus discursos, utilizando o mercado de símbolos dessas outras religiões como uma contraprova. No último subtópico, abordaremos a relevância deste estudo para as Ciências da Religião, já que escolhemos esta disciplina ao invés da sociologia, antropologia e/ou teologia para abordar o ritual do exorcismo.

4.1 Fatores que levaram a mudanças na linguagem simbólica no ritual de exorcizar no Brasil

Desde o início da Antropologia com Lewis Henry Morgan (1818–1881), Edward Burnett Tylor (1832–1917) e James George Frazer (1854–1941), assim como Max Müller (1823–1900) nas Ciências da Religião, acreditava-se em um evolucionismo religioso, no qual um mundo animista se tornaria mágico e, posteriormente, religioso, até chegar ao cientificismo. E esse tema tirou o sono de muitos outros cientistas, como Max Weber (1864–1920), em seu desencantamento do mundo.

Weber acreditava que, à medida que a religião avançasse para um caminho mais racional, deixaria a magia de lado descentralizando dos intra-mundos. Entretanto, ao longo do caminho, notou que, à medida que a religião racionalizava as sociedades, ela se aprofundava mais no mundo irracional da magia.

Eis-nos assistindo à religião abrir mão de suas pretensões racionalistas, inclusive da pretensão ético-prática de regulamentar racionalmente a vida cotidiana dos fiéis e de implantar o religiosamente válido nas ações do dia a dia. Ei-la que se vê, ao contrário, “obrigada a aceitar referências de sentindo cada vez mais subjetivamente irracionais com relação a fins”, “à medida que avança o desencantamento do mundo”. (Pierucci, 2013, p. 79)

Isto se deve, sobretudo, às religiões protestantes, sobretudo de fé pentecostal, que começaram a surgir e trouxeram resultados (principalmente para as classes médias/baixas) hoje²¹. “Os interesses mágicos são totalmente deste mundo. Toda ação mágica tem sempre um objetivo pragmático muito claro e bem definido, e seus resultados são esperados para o aqui e agora.” (Pierucci, 2013, p 80). O exorcismo, que era considerado um rito incomum pela Igreja Católica, antes de ser realizado, buscava outras maneiras de ajudar o indivíduo, evitando sua execução. Hoje em dia, ao ingressarmos em uma IURD ou em uma igreja católica carismática, nos deparamos com práticas diárias de exorcismo que prometem resultados rápidos na obtenção de dinheiro, saúde e outros benefícios.

Quando alguém apela para a intervenção mágica, a ideia já é a de garantir o resultado que se quer com aquela ação extraordinária — eis um outro aspecto importante de racionalidade da magia. No gesto e coagir os espíritos com uma fórmula mágica, e não de lhes fazer um pedido, está embutida a certeza de obter deles uma intervenção que vá no sentido desejado pelo cliente e ordenado carismaticamente pelo feiticeiro. Embora possa parecer que o ato de magia, por não corresponder aos termos da lógica do nosso conhecimento, não seja exatamente o que costumamos chamar de racional, Weber aqui o classifica como uma ação subjetivamente racional com relação a fins,

²¹ O lema da IURD é: “Comece hoje a cobrar Dele, tudo aquilo que ele tem prometido”.

ou seja, subjetivamente racional também em sua preocupação com os efeitos imediatos que o ritual mágico diz ter sobre as coisas e os eventos, os quais por sua vez são percebidos unicamente e termos e sua mera facticidade. (Pierucci, 2013, p 74–75).

Essa é uma forma dessas novas religiões ganharem espaço e público, e, para isso, usam de ressignificações da linguagem religiosa já conhecida. De acordo com Bourdieu, diversas camadas sociais travam uma batalha simbólica para impor sua visão de mundo e defender seus interesses, seja na vida diária ou por meio de especialistas em produção simbólica. Essa batalha mostra a luta pelo monopólio da violência simbólica legítima e pela imposição de instrumentos de conhecimento e expressão. O campo de produção simbólica é um microcosmo da luta de classes, onde os produtores atendem tanto aos interesses internos da produção quanto aos grupos externos. (Bourdieu, 2021, p.8). Desta forma, é a partir dessa remagificação de objetos e palavras, promovida pelo neopentecostalismo e pela carismática católica, ocorrem com objetivos majoritariamente imediatistas:

A maioria dos autores está de acordo em reconhecer nas práticas mágicas os seguintes traços: visam objetivos concretos e específicos, parciais e imediatos (em oposição aos objetivos mais abstratos, mais genéricos e mais distantes que seriam os da religião); estão inspiradas pela intenção de coerção ou de manipulação de poderes sobrenaturais (em oposição às disposições propiciatórias e contemplativas da “oração”, por exemplo); e por último, encontram-se fechadas no formalismo e no ritualismo do toma lá dá cá. (Bourdieu, 2019, p. 45).

E, no cenário em que essas religiões surgiram no Brasil (década de 60 e 70), acabou sendo uma forma de protesto contra o governo ditatorial que estava instaurado. Elas invadiram não somente o campo religioso, mas também o econômico e político, como descreve Rubem Alves (2019, p. 82), que não lhes interessava a expansão da Igreja nem a sua sobrevivência. Era importante para eles participarem dos processos políticos da sociedade, a fim de torná-la mais justa, humana e livre. Apesar de tais movimentos não terem criado nenhuma teologia, a compreensão acadêmica desta disciplina indica que uma nova teologia estava em desenvolvimento. Não se trata mais de uma teologia filosófica, mas sim de uma teologia política. Foi aí que surgiram os germes daquilo que, no final dos anos 60, receberia o nome de “teologia da libertação”:

A partir de 1964, entretanto, ela começa a sentir de maneira crescente as pressões do Estado brasileiro, pressões estas que chegam ao limite da violência policial. Este novo estado de coisas tornou evidente que o Estado brasileiro havia realmente se secularizado. Não mais necessitava da legitimação ideológica da Igreja. Legitimava-se com bandeiras totalmente seculares: desenvolvimento com segurança, milagres econômicos com a repressão da oposição, ordem e progresso. Pela primeira vez a Igreja se descobriu marginalizada politicamente e isto fez emergir, como problema central, a questão das relações entre a Igreja e o Estado. Ainda que o quisesse ela não mais poderia se entender como “mecanismo ideológico de Estado”. Igreja marginalizada e perseguida, ela foi forçada a se perguntar acerca de suas lealdades e

alianças. Reprimida pelos poderosos, ela descobriu a sua solidariedade com os oprimidos. (Alves, 2019, p. 86).

Imagem 20: Primeira Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil. Rio de Janeiro 1977



Fonte: (A PRIMEIRA Universal. 1 jun. 2017)

De acordo com João Batista Libânio, a Teologia da Libertação passou por duas fases, sendo a primeira criticada por ser considerada alienante e retardar o processo de libertação, impedindo que a população assumisse sua posição como sujeito da história. Posteriormente, porém, houve uma mudança de perspectiva, reconhecendo elementos libertadores na religião popular. A busca pela força divina em ações pontuais e imediatas no cotidiano oferecia potencial para incentivar a luta contra a opressão, especialmente com uma nova hermenêutica da Escritura. Os Círculos Bíblicos e as Comunidades Eclesiais de Base revolucionaram a leitura da Bíblia, mostrando como a Palavra de Deus pode ser libertadora quando lida com a realidade social. (Libânio, 2008, p. 62).

Sendo assim, Teologia essa da libertação que reconhecia a história dos pobres. Essa história foi usada para explicar seu sofrimento, já que a pobreza e as dificuldades da vida derivavam de eventos passados, como heranças, atraindo espíritos malignos. Uma história que as Ciências Sociais já haviam narrado. Os estudos pioneiros de religiões e classes no Brasil são marcados por Nina Rodrigues (1862–1906), que deixa a cultura indígena de lado (já havia outros estudiosos focados) e se dedica a compreender a cultura afro aqui no Brasil. Nina deixa claro que a religião católica seria mais sofisticada para os negros, e que as religiões Candomblé e Umbanda seriam “primitivas” (Carneiro, 2014).

Em seu estudo, Nina Rodrigues (1932) explica que as possessões praticadas por essas religiões seriam apenas histeria coletiva e/ou estado esquizofrênico. As práticas mágicas empregadas por eles eram demoníacas. Após isso, teremos Roger Bastide (1898–1974) e

Procópio Camargos (1922–1987) (ainda com olhar de Nina Rodrigues). As religiões de origem africana, como Candomblé e Umbanda, passam a ser vistas como religiões ainda de forma prematura. A partir dos anos 90, começamos a observar pesquisas éticas responsáveis sobre essas culturas no país.

No entanto, as igrejas pentecostais e carismáticas aproveitaram esses princípios para explicar às classes baixas que seus sofrimentos são consequências dessa cultura que adorava o demônio e que deveria ser combatida. E, para esse combate, usa seu próprio aparato simbólico para combatê-las. Isso se deve ao fato de que as camadas populares já conheciam tanto os objetos simbólicos quanto as entidades. Dessa forma, demonstrar a essas pessoas que possuíam os símbolos, mas os utilizavam de maneira equivocada seria mais fácil do que apresentar novos.

De acordo com Brenda Carranza, com a I.C. não foi diferente. A modernidade, com a separação entre esferas sociais e autonomia religiosa, juntamente com os efeitos da industrialização, causaram uma crise prolongada na Igreja Católica. Isso diminuiu a influência da Igreja, devido ao surgimento de ideias “laicizantes” e “secularizantes” que incentivavam o pluralismo religioso. Após um período de renovação durante o Concílio Vaticano II, seguido pela ascensão do papa João Paulo II, houve uma mudança na forma como a Igreja via as coisas. Nos últimos trinta anos, o catolicismo adotou uma postura mais moderna, com destaque para a Renovação Carismática Católica no Brasil, que se institucionalizou e se burocratizou, criando pequenas comunidades e promovendo formas criativas de socialização, como a música (Carranza 2006) A partir dos anos 60, de acordo com Libânio, a Igreja Católica abandonou a catequese que explorava a religiosidade mágica do povo. Os pentecostais, por sua vez, preencheram esse vazio, enfatizando o papel do demônio e a prática do exorcismo, além dos milagres realizados por Cristo. A nova religião neopentecostal tornou-se dependente do demônio e dos milagres. Isso revela a grande influência do imaginário religioso mágico e mitológico nas camadas populares, influenciando até mesmo os ex-católicos através das pregações dos pastores (Libânio, 2008, p.72).

Imagem 21: Show do Padre Marcelo Rossi

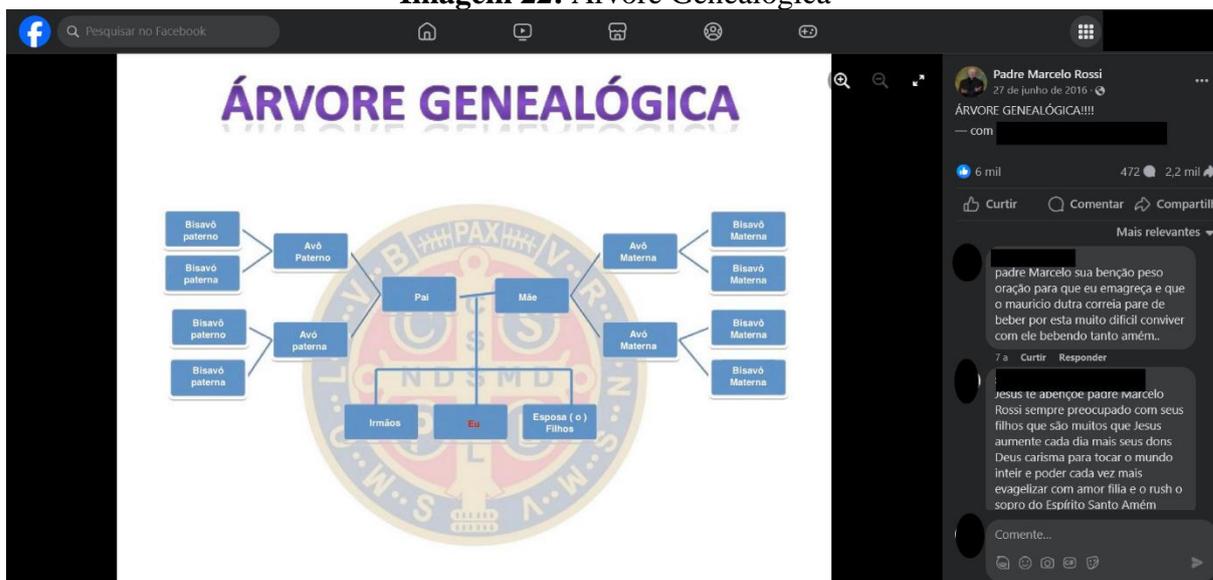


Fonte: (Tribuna do Norte)

No Brasil, há uma figura relevante que se adaptou à mídia (assim como o pastor Edir Macedo), o que levou a Igreja Católica a ser vista com novos olhos. Essa figura é o padre Marcelo Rossi, que foi para a TV e rádio, apresentando programas, gravando músicas e fazendo shows pelo país, em busca de reacender o catolicismo nas pessoas. Desde 1997, até o presente momento, apresenta um programa chamado *Terço Bizantino*, onde conversa abertamente com o público sobre diversos temas que até então eram tabus na Igreja. Um aspecto crucial de seu programa é esclarecer como os espíritos interferem em nossas vidas, seguindo o pensamento das igrejas neopentecostais de que a culpa não é nossa, mas sim de outros e pode ser herdada. Há uma revista com o mesmo nome de seu programa, no qual possui uma página com uma árvore genealógica que, de acordo com Pe. Marcelo Rossi, é necessário examinar até 14 gerações da família para identificar a maldição. Assim, a pessoa escreve os nomes na árvore e envia-a para ele, que a queimará, libertando-a.

Nessa proposta interpretativo-litúrgico-ritual, como prática religiosa, o fiel tenderá a fazer uma leitura a-histórica da própria realidade, a colocar em terceiros a responsabilidade objetiva de suas ações, o que evidentemente, cria dispositivos que o desresponsabiliza das ações pessoais. (Carranza, 2006, p. 83).

Imagem 22: Árvore Genealógica



Fonte: (Facebook Padre Marcelo Rossi)

Segundo João Batista Libânio, a RCC surgiu com esse objetivo de megaencontros, lotando estádios, mas com uma falsa sensação de comunhão. As pessoas se unem, mas não têm interesse no bem-estar dos outros, mas sim em si mesmas, participando dos rituais e realizando todas as obrigações em conjunto, mas focando apenas em sua própria prosperidade. Contudo, isso seria uma consequência do ambiente social. Segundo Libânio, o capitalismo atual e o individualismo moderno levam a esse pensamento, e cabe às religiões se ajustarem a ele. A RCC compreendeu isso muito bem. Ou seja, é necessária uma união social religiosa para a eficácia do processo mágico/místico, mas, no final, o milagre é individual.

Na **Renovação Carismática**, predominam **encontros comunitários** que valem por si mesmos. Alguns são bem esporádicos e em momentos privilegiados. São **megaencontros**. Lotam estádios. Celebrações litúrgicas de seus corifeus agrupam considerável número de pessoas. Outras pessoas frequentam regularmente os encontros semanais ou mensais dos **grupos de oração ou as celebrações eucarísticas**. São tempos fortes de oração, de experiência espiritual e de emoção. **Não se criam necessariamente vínculos entre as pessoas, mas entre elas e o ato litúrgico**. É questionável se a celebração litúrgica cria um espírito comunitário ou se é simplesmente uma prolongação do individualismo moderno e pós-moderno. O estar-junto não implica, em muitos casos, nenhum compromisso com o irmão, mas simplesmente um prazer e gozo individual. Isso reforça o individualismo do sistema capitalista dominante, sendo-lhe mais um apoio que uma possível crítica. E mesmo a dimensão espiritual não se faz instância questionadora nem do materialismo nem do consumismo do sistema. Antes deixa-o intocado. **Chega até mesmo a espiritualizá-lo.** (Libânio, 2002, p. 34).

Assim, é possível notar que a alteração na linguagem simbólica do ritual de exorcismo teve um impacto religioso, social e político, tendo em vista uma situação favorável. No Brasil,

tínhamos Umbanda e Candomblé como as religiões que mais cresciam em número de seguidores, enquanto as igrejas pentecostais possuíam a maior quantidade de igrejas por território, gerando uma disputa direta. A igreja católica²² tradicional havia aberto seu público a novas opções, incluindo as carismáticas.

Um dos fatores decisivos para o crescimento da IURD e da RCC foi conseguir unir o que há de mais moderno (mídia) com o mais antigo (práticas mágicas, exorcismos), o sobrenatural, algo tão popular entre as classes baixas.

Esses movimentos conseguem conjugar dois aspectos antinômicos, permitindo-lhes responder ao momento atual. Transmitem uma doutrina teológica e moral frequentemente tradicional — entram em choque com a modernidade mais avançada. Nisso, conseguem a eficiência e a eficácia própria da tecnologia. (Libânio, 2002, p. 36).

Além disso, é importante ressaltar a legitimidade contrária das entidades religiosas de matrizes africanas, que oferecem possibilidade para ambas as partes. Dessa forma, o cenário está montado para que o ritual do exorcismo volte a ser uma prática necessária, mas se resignificando de acordo com a necessidade do momento.

4.2 A eficácia do ritual do exorcismo foi afetada pelas mudanças?

A composição do Brasil a partir dos anos de 1970 contribuiu significativamente para a resignificação do ritual de exorcismo, mantendo sua eficácia. Concentrando-se na ideia de oposição de Lévi-Strauss, no mundo plural não é diferente. Ao contrário, marcamos nossa identidade em oposição, o que resulta na afirmação de uma religião sobre a outra.

As identidades, complexas e múltiplas, nascem e se autoconfiguram a partir de oposições concretas a outras identidades, mediante processos socialmente situados. Assim, pode-se falar de identidade como pertença a língua, a raça, a costumes, a tradições, a sentimento de lugar, sempre em correlação com tempos e espaços singulares, passíveis de contextualização histórico-social. (Cantarella; Panasiewicz, 2017, 164).

Um outro aspecto crucial que mantém a eficácia do rito são as maneiras como essas novas religiões lidam com ele. Entre a IURD e a RCC, vemos claramente em seus discursos a afirmação desse ritual através da Bíblia. Se Jesus mesmo o fez e pediu aos seus discípulos que o continuassem, significa que isso é necessário, sobretudo agora que o demônio está solto.

²² A igreja católica nos interiores do país e bairros periféricos entenderam a muito tempo sobre a necessidade do povo, ressaltando a magia popular, levando-a para dentro da igreja.

Dessa forma, conseguem convencer o público através das tradições do cristianismo, focando na realidade do momento.

Enquanto experiência histórica singular, as identidades religiosas se revelam em complexos sistemas de representação, marcados por gestos, ritos e formações discursivas simbólicas. Destacam-se, dentre estas, as narrativas fundacionais. Via de regra, as vetustas tradições religiosas, mas também os novos movimentos religiosos, demarcam sua identidade a partir de alguma narrativa de fundação — do gênero mito, saga ou lenda —, de base histórica ou fictícia, de especial valor para os seguidores. Tais construções narrativas acompanharão o grupo religioso em sua história, moldando-se às novas situações, acolhendo novos traços e reconfigurando-se continuamente. (Cantarela; Panasiewicz, 2017, p. 164–165).

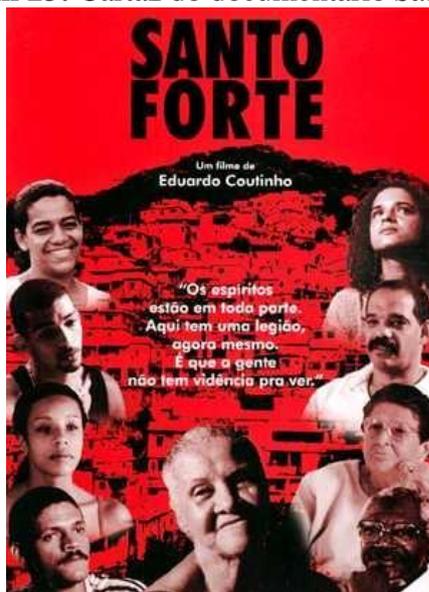
Com a nova configuração de um mundo plural, onde há uma variedade de religiões que você pode escolher à vontade, isso poderia afetar as Igrejas em geral, uma vez que haveria um público que não se apegaria mais a um lugar, na verdade, não pertencendo a nenhum lugar. No entanto, é por esse público ser variável que ele conhece diversos objetos simbólicos, o que pode levar algumas religiões a se beneficiarem disso. “A mixagem religiosa presente no mundo contemporâneo tem possibilitado que as pessoas ou grupos religiosos criem novas espiritualidades ou moldem antigas experiências religiosas conjugando vários componentes do mercado religioso de bens simbólicos”. (Cantarela; Panasiewicz, 2017, p. 168).

No documentário *Santo Forte: Aspectos da cultura popular religiosa brasileira*²³ de 1997, dirigido por Eduardo Coutinho, encontramos a personagem Vera que é um exemplo de variação em benefício das religiões. No início da entrevista, Vera já menciona que conheceu o espiritismo através de sua mãe, que frequentava os terreiros e manifestava entidades (aqui, ela mistura duas religiões: espiritismo e religião de matriz africana). Posteriormente, ela conta que se envolve com um rapaz que a própria entidade afirma que não irá dar certo e acaba desiludindo-se com essa religião, até conhecer a Igreja Universal. Lá, “entende” que as entidades que ela e sua mãe amavam, eram, na verdade, demônios. Na IURD, ela se depara com um jovem que se torna seu esposo. Quando tudo parecia bem, ele se envolve com outra irmã da igreja e a abandona. Segundo ela, o pastor pediu para ela esquecer isso, pois o marido dela e a moça eram pessoas de Deus. Desesperada mais uma vez, ela começa a frequentar a Assembleia de Deus e outras igrejas. No documentário, Coutinho entrevistou diversas pessoas, mas apenas o depoimento de Vera revela uma história viva de uma pluralidade religiosa que movimenta esse mercado simbólico constantemente. Mesmo indo para outras igrejas, na casa de Vera,

²³ DOCUMENTÁRIO - Eduardo Coutinho - Santo Forte [Sincronizado]. 24 fev. 2018. 1 vídeo (83 min 43 s). Publicado pelo canal grupo filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bf9-GiJfwog>. Acesso em: 4 jun. 2024.

encontramos entidades e santos. Ou seja, ela ainda acredita nos símbolos de outras religiões que não “seguem mais”, como nos diz Hervieu-Léger: “os indivíduos constroem sua própria identidade sociorreligiosa a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição e/ou aos quais eles podem ter acesso em função das diferentes experiências em que estão implicados”. (Hervieu-Léger, 2015, p. 10).

Imagem 23: Cartaz do documentário *Santo forte*



Fonte: (Rotten Tomatoes)

O pluralismo então permitiu: “Através da temática da ‘bricolagem’, da ‘braconagem’ e outras ‘colagens’, avança-se progressivamente rumo a uma descrição extensiva da paisagem modernas das crenças”. (Hervieu-Léger, 2015, p. 22). Lévi-Strauss (1976) também utiliza o termo *bricolage* para demonstrar que isso é inerente às sociedades. Para ele, primeiro se conhece para, depois, criar uma utilidade. A IURD e a RCC fazem isso, eles conhecem outras religiões e, a partir do que consideram relevante, as abstraem, como se somente elas estivessem certas.

Dessa forma, a secularização das sociedades modernas não se resume apenas à eliminação da religião, mas também à diminuição da influência dos sistemas religiosos e à criação de novas representações autônomas (Hervieu-Léger, 2015), permitindo que cada indivíduo crie sua própria opinião sobre o que já está disponível no mercado.

Durante um longo período, a antropóloga Patrícia Birman realizou pesquisas sobre a Igreja Universal e possui trabalhos relevantes sobre o pentecostalismo. Em 1994 e 1995, ela conduziu uma pesquisa de campo e constatou a adesão de antigos praticantes de culto afro-

brasileiros à Universal. Principalmente mulheres, elas se adaptaram às experiências religiosas anteriores às interpretações da Igreja nova. Essa mudança, que ela chamou de "trabalho sincrético", mostra a mudança na maneira como lidam com conceitos de Mal e pessoa, encontrando um ambiente propício na Universal para essa transição suave (Birman, 2001). O trabalho sincrético foi empregado para manter a coesão tanto entre os parentes dos novos obreiros quanto entre o grupo em si. Assim, o exorcismo pode ser visto como um método de criação e fortalecimento de laços sociais, aproximando indivíduos de diferentes redes de vínculo.

Assim, a "abertura" da Igreja para aceitar a prática do exorcismo por parte de todo e qualquer fiel foi aproveitada, principalmente pelas mulheres (ex-integrantes dos cultos de possessão), para manterem suas áreas de influência religiosa, seus pequenos poderes, digamos, exercidos em nome da mediação que faziam entre o mundo visível e o invisível. Continuaram atendendo, com seus serviços mágicos e religiosos, parte de suas antigas clientelas. Parentes e amigos permaneceram recorrendo a elas. Porém, a oferta de serviços passou a ser outra: não mais os benefícios promovidos por seus antigos espíritos, mas um controle quase de polícia sobre eles, agora diabos, "amarrando-os" "queimando-os" renovadamente, por intermédio de exorcismo e novos rituais trazidos da Igreja. Assim, de certo modo, salvaram o prestígio religioso que possuíam anteriormente, guardando um círculo de influências, uma forma de circulação no interior de suas próprias famílias na relação com seus próximos, para protegê-los do "mal". (Birman, 2001, p.65)

Assim, é possível compreender que neste novo mundo há uma mistura de práticas ditas modernas com as ditas antigas. O processo de exorcismo é bastante requisitado, porém não há mais tempo disponível para se dedicar a ele: "procuram o exorcista como alguém investido de um poder, ao mesmo tempo que uma competência técnica, pelos quais tem condições de dominar as forças sobrenaturais. O que eles querem é que ele faça uso desse poder para dar-lhe benefício imediato" (Hervieu-Léger, 2015, p.48). Em outras palavras, alguns rituais se tornaram fast-food, e tanto a IURD quanto a RCC compreenderam isso e praticam o ritual diariamente, de forma rápida e acessível a qualquer pessoa. Um ritual que, até cerca de 50 anos atrás, era fechado, realizado com muita cautela e podia levar meses para ser finalizado, teve que se adaptar ao mundo atual. Entretanto, não perdeu a eficácia, pelo contrário, agora que está aberto ao público, há de se ter mais pessoas acreditando e, dessa forma, mais eficiência em seu êxito.

Analisando através do diálogo e do pluralismo religioso, observando como as sociedades, principalmente a sociedade brasileira através da modernidade, está em contante mudança, compreendemos que não somente a linguagem simbólica, mas também os rituais, estão a todo momento sendo ressignificados. De acordo com Campos (2005), o pluralismo é antigo e não surgiu com a modernidade. No entanto, é possível afirmar que a modernidade, especialmente por meio das mídias sociais, alcançou um público que até então tinha poucas

opções religiosas. Com isso, popularizou um ritual que até então estava quase à beira do esquecimento. É possível afirmar que a performance do exorcismo foi afetada, no entanto, essa nova roupagem o tornou popular e eficaz. Antes, o indivíduo considerado possuído passava por vários testes para confirmar se era um caso de exorcismo (estamos nos referindo à Igreja Católica). Atualmente, podemos nos dirigir a um templo da IURD ou uma comunidade da RCC e nos queixar de enfermidades ou sofrimentos que logo estamos na fila para sermos exorcizados. Mas isso não quer dizer que ele ficou menos mágico ou banal, sua função e objetivos são os mesmos, só a maneira de o fazer teve que ser modificada para atingir o novo público.

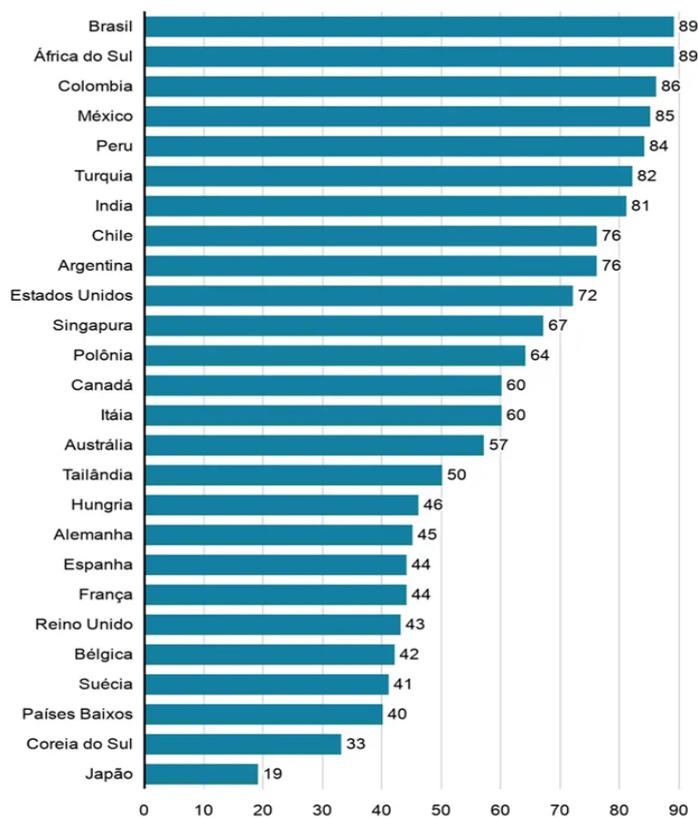
É possível afirmar que essa nova constituição religiosa foi bem-sucedida no Brasil. Desde o período colonial, começamos a conviver com esse pluralismo e, como forma de resistência, abraçamos todos eles. Hoje em dia, é muito comum mesmo quem não se diz religioso dizer as famosas frases: “Vai com Deus”, “Graças a Deus!”, “Deus me livre”, “Só Deus sabe...”, de acordo com uma pesquisa da BBC no ano passado, o Brasil é o país que mais acredita em Deus, apesar de não ser o mais religioso. No nosso dia a dia, usamos o nome de Deus e dos santos, uma das razões a isto é o famoso catolicismo popular, como escreve O sociólogo Sérgio Buarque de Holanda:

Cada casa quer ter sua capela própria, onde os moradores se ajoelham ante o padroeiro e protetor. Cristo. Nossa Senhora e os santos já não aparecem como entes privilegiados e eximidos de qualquer sentimento humano. Todos, fidalgos e plebeus, querem estar em intimidade com as sagradas criaturas e o próprio Deus é um amigo familiar, doméstico e próximo – o oposto do Deus “palaciano”, a quem o cavaleiro, de joelhos, vai prestar sua homenagem, como o seu feudal. (HOLANDA, 1995, p. 149).

Ou seja, não há a necessidade de estar em uma Igreja, para estar em *religare* com o divino. O catolicismo popular se fundamenta nas devoções aos santos. A relação entre os devotos e os santos é direta e sem interferências institucionais. Tendo seu santo de devoção e seu altar em casa, a relação com o divino se torna pessoal e familiar. Por exemplo, quando uma mulher quer se casar, não irá necessariamente a uma igreja fazer algum tipo de voto, em casa mesmo pega-se a imagem de Santo Antônio e o deixa de "castigo" de cabeça para baixo em um copo com água até que a proposta de casamento apareça. Como citado acima por Holanda, a divindade se torna "um amigo familiar". Percebe-se que esse tipo de religiosidade está diretamente ligado a vida prática cotidiana, sendo por muitas vezes entendida como normal. Por isso a pesquisa da BBC mostra que somos o país que mais acredita em Deus, mas o menos

religioso, é porque Deus faz parte do nosso dia a dia, e não é mais como o *mysterium tremendum* que se encontra nos templos.

Imagem 24: Porcentagem de brasileiros que acreditam em Deus
Crença em Deus ou poder superior
em porcentagem



Fonte: Global Religion 2023 / Ipsos



Fonte: (BBC News Brasil: Por que Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus)

O pluralismo surgiu como uma forma de resistência e, atualmente, está presente em nosso cotidiano. Minha infância é marcada pela minha mãe me levando à benzedeira. Mas, quando sentia que precisava de algo mais forte, íamos à Igreja Universal, mas, se perguntássemos, deveríamos responder que somos da Batista Nacional. Essas diferentes crenças foram fundamentais para que eu me tornasse uma Cientista da Religião, pois, ao me envolver em diversos ritos, minha mãe me ensinou a respeitar o pluralismo religioso e a compreender que Deus está onde você quer que esteja.

Sendo assim, apesar do progresso do mundo moderno e da secularização da sociedade, o exorcismo ainda é relevante na atualidade. A prática do exorcismo ainda está presente em diversos lugares do mundo, atraindo a atenção dos meios de comunicação, acadêmicos e do

público. Ademais, o exorcismo levanta questões éticas, evidenciando sua relevância e impacto na sociedade atual.

4.3 O papel dos rituais nas Ciências da Religião

A partir das conversas entre pensadores como Friedrich Max Müller, Cornelis Petrus Tiele e William Robertson Smith no final do século XIX e início do século XX, as Ciências da Religião surgiram como uma forma de responder à interação europeia com as crenças dos povos colonizados durante a expansão imperial. Os primeiros estudiosos, influenciados pelo Iluminismo, tinham como objetivo desenvolver métodos empíricos para estudar as religiões (Usarski, 2013). Nesse cenário, também surgiu uma Antropologia com Frazer, Morgan e Tyler focando em uma antropologia da religião. Havia também uma filosofia, sociologia e psicologia da religião em busca de espaço. Assim, criar uma ciência interdisciplinar, porém com seus próprios métodos e análises, foi um desafio.

Esta distinção pode nos ajudar a encaminhar a discussão a respeito de ciências da religião e ciências religiosas. Estas nos remeteriam em conjunto às ciências chamadas por Dilthey de “ciências do espírito” ou, em um sentido mais lato, às ciências humanas. Pelos mesmos caminhos percorridos na filosofia, as ciências religiosas seriam compostas pela pesquisa na história, nas ciências sociais, na psicologia e assim por diante, daqueles momentos e motivações em que a religião emerge. A história da arte, por exemplo, é campo fértil para a pesquisa intencional da religião in natura, isto é, da religião enquanto sentimento do mistério que antecede toda instituição da religião. (Mendonça, 2001, p. 144).

As Ciências da Religião desempenham um papel fundamental no estudo dos rituais, uma vez que oferecem uma abordagem interdisciplinar que possibilita a compreensão da complexidade e diversidade dessas práticas. Por meio de uma análise minuciosa e contextualizada, é viável investigar as múltiplas facetas dos ritos, desde suas origens teóricas e históricas até suas influências socioculturais e políticas. Sendo assim, o rito pode ser entendido como: “repetição de algo feito anteriormente pelos deuses ou ações a serem empreendidas a mando deles para conseguir certos resultados, inclusive o de penetrar em espaços e tempos dominados pelo sagrado invisível. Há, por assim dizer, uma força operativa no rito”. (Rossi, Perondi, 2020, p. 18)

Sua contextualização nos estudos dos rituais é necessária devido à relevância dessas práticas na vida humana. Os rituais têm um papel crucial na organização social, na formação identitária e na expressão da espiritualidade, portanto, merecem uma atenção especial. De acordo com Rossi e Perondi (2020), o ritual é uma maneira de manter a união de um grupo:

O rito ao mesmo tempo é visual e socioespacial. É por isso que todo ritual exige um grupo de pessoas, um lugar sagrado, objetos, instrumentos e vestes. O rito é uma ação humana que se sintoniza com a ação dos deuses. Ao fazer uma aproximação de rito com mito, é possível afirmar que, no primeiro, os seres humanos fazem o que, no segundo, fazem os deuses. O próprio ato de participar dos ritos é um ato de renovação da cidadania do grupo e de pertença ao grupo. (Rossi; Perondi, 2020, p.21).

Ademais, ao compreender a relevância das Ciências da Religião no estudo dos rituais, é possível notar sua relevância também no âmbito acadêmico, já que contribuem para aprimorar o entendimento sobre a diversidade cultural e religiosa presente em diferentes contextos sociais e históricos.

Existe uma diferença qualitativa entre teorizar e vivenciar rituais. Quando falamos em teorizar, referimo-nos a uma conduta que é própria da pesquisa científica e que se relaciona com a tomada de distância do objeto pesquisado, com o exercício do método, da racionalidade e, para não contaminar o objeto pesquisado, a neutralidade. Vivenciar rituais, por outro lado, requer a plenitude das emoções, a adesão tal como a de um fiel, e, vez de distanciamento, exige-se a vinculação. (Rossi; Perondi, 2020, p. 34).

Dessa forma, as Ciências da Religião têm como objetivo compreender os rituais como instrumentos que cumprem determinadas funções nas comunidades religiosas, contribuindo para a estabilidade e o equilíbrio social. Ou seja, os rituais contribuem para a união social, a transmissão de valores e normas, a solução de conflitos e a manutenção da ordem social. Adicionalmente, buscam investigar como os ritos atendem às demandas emocionais, psicológicas e espirituais dos participantes, proporcionando um ambiente simbólico para a expressão de crenças, princípios e identidades. Eles também são empregados para estabelecer autoridade e influência sobre as massas populares, moldando suas percepções e comportamentos. Para examinar as complexas interações entre religião e poder, é crucial compreender a importância das Ciências da Religião na compreensão dessas interações.

E, quando se volta à experiência, faz-se necessário sublinhar os quatro critérios desta elaborados por Wach (citado por Bouyer, 1967), a saber: em primeiro lugar, trata-se de uma resposta do ser humano à realidade última de todas as coisas, que, certamente, é transcendente e, mesmo em sua transcendência, entra em relação com ele; em segundo lugar, a proximidade do transcendente provoca e exige do ser humano que vive a experiência religiosa uma resposta total, que envolve a totalidade de seu ser; em terceiro lugar, a experiência religiosa é vivida de uma maneira tão intensa e indizível — qualitativamente superior a quaisquer outras experiências —, que se torna impossível qualquer comparação; e, finalmente, em quarto lugar, a experiência altera o sujeito de tal maneira que ele não pode continuar mais do mesmo modo em que se encontrava; ou seja, a transformação há de ser completa. (Ross; Perondi, 2020, p. 7-8).

No âmbito das Ciências da Religião, os ritos são vistos como importantes meios de mudança e resistência. Eles são formas de expressão cultural e social capazes de desafiar estruturas de poder e promover mudanças significativas na sociedade. Os rituais podem ser usados para contestar desigualdades, incentivar a inclusão de grupos excluídos e resistir a práticas discriminatórias. Ao analisar os rituais como instrumentos de mudança e resistência, os estudiosos das Ciências da Religião podem ampliar a compreensão sobre o papel dessas práticas na construção de um ambiente social mais justo e democrático. A pesquisa das dimensões espirituais e simbólicas dos rituais auxilia na identificação dos significados atribuídos a cada elemento ritual e na interpretação das experiências espirituais vividas pelos fiéis.

a Ciências da Religião defende uma postura epistemológica específica baseada no compromisso com o ideal da “indiferença” diante do seu objeto de estudo. Trata-se de uma técnica de observação e descrição que na literatura especializada é frequentemente associada a termos como “ateísmo metodológico” ou “agnosticismo metodológico”. Comprometido com este ideal, o cientista da religião exclui da sua agenda a questão da “última verdade” e não se permite avaliar aspectos religiosos em comparação com as normas de outra religião ou com quaisquer outros critérios ideológicos. (Usarski, 2013, p. 51).

Dessa forma, quando pensamos no ritual do exorcismo para as Ciências da Religião, percebemos que ela trabalha com uma análise crítica e comparativa das diversas manifestações do fenômeno exorcístico nas diferentes tradições religiosas, bem como a investigação de suas consequências sociais, psicológicas e teológicas. A análise dessas práticas com base em teorias e técnicas possibilita uma compreensão mais ampla e aprofundada do fenômeno, permitindo a identificação de padrões, variações e mudanças ao longo do tempo e em contextos culturais distintos. Para o cristianismo, esse ritual é uma reviravolta mítica, uma vez que o exorcismo é um modelo divino realizado pelo próprio Cristo (Mateus 17: 14-21, Marcos 5: 1-16).

O rito pressupõe que o participante se faça presente em tempos imemoriais, ou seja, *in illo tempore*, justamente no momento em que a performance ritual teve sua gênese. Mas não devemos pensar o rito como uma ação realizada somente pelo ser humano. Um olhar mais apurado perceberia que o rito, de alguma forma, é também uma ação divina, isto é, uma imitação do que os deuses fizeram. Eliade (1988, p. 36) afirma que “todos os rituais têm um modelo divino, um arquétipo”. Consequentemente, todos os atos religiosos foram, de alguma forma, inaugurados pelos deuses ou por algum antepassado mítico. E Eliade (1988, p. 49) arremata dizendo: “um objeto ou uma ação só se tornam reais na medida em que imitam ou repetem arquétipos. Assim, a realidade só é atingida pela repetição ou pela participação; tudo o que não possui um modelo exemplar é desprovido de sentido, isto é, não possui realidade”. (Rossi, Perondi, 2020, p. 17).

Sendo assim, ao fazer isso de forma correta, este seria guiado pelo próprio ser divino: “os ritos existem como ritos porque se crê que se alguém, em algum momento, teve condições de instituí-los; foram os deuses que o fizeram e, dessa forma, os deuses devem ser percebidos como seus verdadeiros agentes. (Rossi; Perondi, 2020, p. 19). Ou seja, a realização de um rito é conjugar o verbo ser, pois o divino estaria envolvido de todas as maneiras em sua encenação. Neste ponto, podemos examinar o indivíduo em sua essência e fragilidade, e, como pesquisadores, ao assistirmos a isso, percebemos que somos seres humanos e não apenas acadêmicos. Ao estudar os rituais, desenvolvemos uma compreensão mais aprofundada de nós mesmos.

Entendemos, assim, o ser humano que os produz e neles atua. Não é um mero exercício intelectual ou acadêmico, mas uma ferramenta para nos aproximar de nós mesmos na multiplicidade de dimensões que nos constituem como seres biológicos, psíquicos e sociais, dotados da capacidade de imaginar, criar, significar e transcender. (Rossi; Perondi, 2020, p. 35).

Ao examinar o ritual de exorcismo, podemos compreender um pouco mais sobre ele e perceber que ele pode e é influenciado por diversos fatores sociais. Ressignificar não implica que as práticas sejam menos eficazes, mas sim que as crenças presentes são responsáveis por garantir a eficácia.

Os ritos não são imutáveis, razão pela qual são fluidos. Os ritos não podem ser classificados como estáticos justamente porque a dinâmica é própria deles. Ritos, por conta de sua fluidez e de sua mobilidade, podem ser criados e até mesmo ressignificados. Novos ritos podem ser criados ou recriados, ressignificados e, conforme os múltiplos contextos em que estejam inseridos – social, político, econômico e cultural –, podem até desaparecer, quando seu sentido, que era pertinente a uma comunidade, deixa de ser eficaz. Desse modo, o rito pode ser articulado com base em um padrão quaternário assim disposto: tradição, memória, conservação e transformação. (Rossi; Perondi, 2020, p. 38).

Enfim, encontramos pinturas rupestres que encenam rituais e objetos simbólicos desde os nossos primórdios, como os nossos amigos Neandertais²⁴. De acordo com a arqueologia, desde que a espécie *Homo* desenvolveu seu raciocínio lógico, os rituais passaram a fazer parte de suas vidas. Conforme Vilhena, “ritos religiosos, aliados ou não a fins pragmáticos, podem favorecer a vida interior e os contatos interpessoais e com seres transcendentais.” (Vilhena,

²⁴ O homem de Neandertal chegou a conviver com a espécie *Homo Sapiens*. Ele surgiu durante o Pleistoceno Médio na Europa e no Médio Oriente há cerca de 400 mil anos e extinguiu-se há 28 mil anos, na Península Ibérica.

2013, p. 515). Ou seja, os ritos conectam as pessoas ao mundo real e ao mundo transcendental. Esses ritos mantiveram e mantêm os grupos unidos, “os ritos formam, informam e modelam. O imaginário religioso, [...] que de maneira singular expressam, significam e repercutem sobre fatos da vida individual e coletiva.” (Vilhena, 2013, p. 515).

Imagem 25: Objeto simbólico esculpido em osso de cervo por Neandertais



Fonte: (Osso esculpido há 51 mil anos pode ser obra de arte mais antiga do mundo)

Assim sendo, compreender os ritos é crucial para compreendermos os seres humanos. As Ciências da Religião, por meio de suas técnicas e interdisciplinaridade, têm a capacidade de investigar esses ritos, apresentando perspectivas e visões novas que outras disciplinas não poderiam alcançar sem elas. “Na Ciência da Religião, o estudo dos rituais está presente no conjunto de suas disciplinas, albergando e encetando diálogos com várias ciências, escolas e correntes teóricas.” (Vilhena, 2013, p. 523). Dessa forma, há muita coisa para ser estudada, mas desde o início até o momento atual, a Ciência da Religião já percorreu um longo caminho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

E agora, José?/ A festa acabou, /a luz apagou,/ o povo sumiu,/ a noite esfriou,/ e agora, José?/ e agora, você?/ Você que é sem nome,/ que zomba dos outros,/ Você que faz versos,/ que ama, protesta?/ e agora, José?... (Carlos Drummond de Andrade)

Trabalhar com o tema do exorcismo há mais de dez anos, às vezes me parece que já esgotei tudo sobre o assunto. No entanto, ao concluir as considerações finais, percebo que ainda há muito sobre o assunto para ser dito. Com este tema, podemos compreender não apenas os sistemas de crenças dos indivíduos, mas como eles se adaptam à ordem (política e social) atual e como essa ordem se adapta às pessoas. Portanto, examinar a reconfiguração deste ritual através da linguagem, do pluralismo religioso e do diálogo trouxe mais oportunidades para analisarmos esse tema.

O propósito geral deste estudo foi compreender os impactos gerados na eficiência do ritual de exorcismo, por meio de mudanças sociais. Com base nos resultados obtidos durante o desenvolvimento da pesquisa, pode-se dizer que o objetivo proposto foi alcançado, pois compreendemos que houve mudanças na fórmula, mas a IURD e a RCC, tendo em mente a dinâmica e as necessidades dos indivíduos em cada década e espaço geográfico, conseguiram manter o ritual funcionando, mesmo tendo que abordá-lo sob diversas novas perspectivas. Sendo assim, o ritual é praticado até hoje, sendo que autoridades religiosas entenderam que um ritual que muitos consideram medieval (no sentido de obscuro), mas que, sobretudo, se tornou popular devido à cinematografia nos últimos anos, desperta a curiosidade das pessoas. Dessa forma, essas religiões, percebendo isso, o usam como uma "promoção" para atrair fiéis.

Dentre os principais resultados, é importante compreender que, desde sempre, é sabido que os ritos estão presentes na vida das pessoas e da comunidade, alguns não são mais realizados, outros foram reinterpretados e outros mantêm a tradição. No entanto, os rituais são o que mantêm a sociedade unida. E, conforme a sociedade vai se modificando, esses rituais tendem a acompanhá-la. No que diz respeito ao ritual do exorcismo, percebemos, sobretudo, sua crescente em sociedades de classes mais baixas, sendo um grande influenciador da religião neopentecostal (incluído aqui a RCC e a IURD), tendo como principais ensinamentos a vitória do indivíduo no aqui e agora. Dessa forma, percebeu-se que essas classes baixas tiveram a chance de, através da religião, atingir seus objetivos na atualidade. Para isso, é necessário passar pelo ritual do exorcismo para que sejam libertadas do que as impede de conquistar.

Esses resultados levam a uma abordagem sistemática (que inclui o rito e sua linguagem simbólica), por meio das Ciências da Religião. Utilizando o ritual do exorcismo, abordamos um conjunto de elementos, como: compreender os tipos de símbolos e ritos que envolvem uma sociedade, assim como, pensar sobre a ideia do Mal e como foi crescendo na sociedade europeia até chegar ao Brasil. Assim como as manifestações Renovação Católica Carismática e a Igreja Universal do Reino de Deus, conseguiram, através desse ritual, atrair novos tipos de pessoas para a religião cristã.

As principais abordagens teóricas incluem a fenomenologia da religião, que busca compreender as vivências religiosas sob a perspectiva dos praticantes, e a hermenêutica, que se concentra na interpretação simbólica dos rituais. Como interdisciplinaridade, podemos incluir neste estudo importantes pesquisadores como Émile Durkheim, Arnold van Gennep e Victor Turner. Durkheim, por exemplo, enfatiza a função social dos rituais, considerando-os como instrumentos essenciais para a coesão e manutenção da ordem social. Van Gennep, por sua vez, desenvolve a teoria dos ritos de passagem, destacando as etapas de separação, transição e incorporação. Turner, ao tratar dos rituais de liminaridade, enfatiza a experiência de *communitas* e a transformação dos participantes. As teorias clássicas proporcionaram visões relevantes para a nossa compreensão dos ritos de exorcismo e sua relevância para as Ciências da Religião.

Realizamos isso por meio da interdisciplinaridade que as Ciências da Religião nos proporcionam. Dessa forma, conseguimos demonstrar que a eficácia dos ritos não se dá usando as mesmas equações de séculos atrás, mas sim por se adaptar às novas questões que surgem. Dessa forma, para que os ritos não percam, sua linguagem deve seguir as novas normas (não da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)), da sociedade. O Mal se manifesta naquilo que nos causa medo, como a presença de fantasmas, a presença de espíritos malignos, enfermidades incuráveis, falta de emprego, falta de recursos financeiros, entre outros. Qual é o seu receio hoje? Um ritual de exorcismo pode te ajudar a escapar dele.

Além disso, os resultados desta pesquisa são benéficos para compreender a conexão entre os ritos e o sagrado, já que estes são frequentemente vistos como práticas que conectam o divino, o transcendente e o sobrenatural. Eles são vistos como uma forma de acesso ao sagrado, proporcionando a experiência e a expressão do divino na vida humana. Ao analisar essa ligação, nós, cientistas das religiões, conseguimos compreender como os rituais são usados para criar e manter o vínculo entre os praticantes e o sagrado, bem como para transmitir e renovar as crenças religiosas.

Como uma contribuição social, os rituais têm um papel crucial na expressão simbólica e cultural das comunidades religiosas, atuando como formas de comunicação verbal ou não verbal que transmitem significados profundos e valores compartilhados. Com gestos, símbolos, objetos e ações específicas, os rituais revelam a identidade de um grupo, sua história, crenças e tradições. Ademais, os ritos têm a capacidade de preservar e fortalecer a herança cultural de uma comunidade, reforçando sua conexão com o sagrado e proporcionando uma sensação de pertencimento e continuidade de gerações.

Os rituais têm um papel crucial na construção e manutenção das identidades religiosas, pois permitem que as pessoas se identifiquem com uma determinada tradição ou comunidade. Ao participar de rituais específicos, os praticantes reforçam sua conexão com as crenças, valores e símbolos da religião em questão, reforçando assim sua identidade religiosa. Além disso, os rituais também podem ser usados como forma de delimitar fronteiras simbólicas entre diferentes grupos religiosos, contribuindo para a afirmação e manutenção da identidade de cada comunidade.

Sobre as limitações presentes neste estudo, é importante um maior aprofundamento no indivíduo que participou. Acompanhei algumas missas que realizam os exorcismos, assim como os cultos na Igreja Universal do Reino de Deus, mas, por conta de ser uma dissertação, o nosso tempo é curto. Senti falta de fazer entrevistas, perguntar sobre suas experiências, como chegaram até ali. Se as realizassem, precisaríamos passar por um processo burocrático que poderia ter sua aprovação ou não depois da conclusão deste estudo. Por esse motivo, não podemos afirmar que o trabalho não foi concluído, pois a tarefa que fizemos foi cumprida, mas apenas uma observação: sempre tratamos de pessoas e aqui as teorizamos.

Após analisar as definições, características e abordagens teóricas dos rituais de exorcismo, foi possível compreender a relevância dessa prática nas manifestações religiosas neopentecostais (RCC e IURD), bem como na construção de identidades religiosas e na expressão simbólica e cultural. Ademais, foi debatido de forma minuciosa a conexão entre os ritos e a sociedade, evidenciando sua complexidade e riqueza. Sendo assim, os rituais não devem ser desprezados nas pesquisas das Ciências da Religião, pois oferecem informações valiosas sobre a experiência humana e a dimensão religiosa da vida.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA, Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Edição Revista e Corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.

ÁGAPE Musical, do padre Marcelo, é campeão de vendas - **Tribuna do Norte**. 20 mar. 2012. Disponível em: <https://tribunadonorte.com.br/viver/agape-musical-do-padre-marcelo-e-campeao-de-vendas/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

ALMEIDA, Ronaldo de. **A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade**. In: COUTO, Teixeira Faustino Luiz; CASTRO, Menezes Renata de (ed.). *As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

ALMOND, Philip C. **O diabo uma biografia**. Petrópolis: Vozes, 2021.

ALVES, Rubem A. **A Volta do Sagrado: Os caminhos da sociologia da religião no Brasil**. Primeiros Estudos, São Paulo, n. 9, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/view/169838>. Acesso em: 05 de maio 2024.

Aramaico Brasil. **Tigela com Encantamento em Aramaico (M164)**. 2015. Disponível em: <http://nyudraa.blogspot.com/2015/04/tigela-com-encantamento-em-aramaico-m164.html>. Acesso em 10 de fev. 2023.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BIRMAN, Patrícia. **Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos**. In: PIERRE, Sanchis; MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de. (ed.). *Fiéis & cidadãos: Percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença**. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2021.

BRAGA, Gabriel Elycio Maia. **Exorcizo te Immundissime Spiritus: Possessões Demoníacas e Exorcismos na França Moderna (1565-1647)**. 2022 Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. **Festa das Lemuria: os mortos e a religiosidade na Roma Antiga**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH - São Paulo, julho, 2011.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAMPOS, Leonildo Silva. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro**: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. USP, São Paulo, n. 67. 100 p, 01 nov 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i67p100-115>. Acesso em: 20 jun, 2023.

CANTARELA, A. G.; PANASIEWICZ, R. **Identidades religiosas no mundo plural**: na voz de personagens de O outro pé da sereia, de Mia Couto. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 15, n. 45, p. 163-187, 31 mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n45p163/11295>. Acesso em: 21 de maio, 2024.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras**: Uma construção teológica. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARRANZA, Brenda. **Catolicismo midiático**. In: COUTO, Teixeira Faustino Luiz; CASTRO, Menezes Renata de (ed.). As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História dos nossos gestos**: uma pesquisa na mímica do Brasil. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, v. 3, 2003.

CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios** – a ideia de bruxaria no princípio da Europa Moderna. EDUSP: São Paulo, 2020.

COSTA, Marcos Sanches da. **Religiosidade popular colonial**: entre o sagrado e o profano. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.1, n°2 jan-jun, p.108-120, 2012.

Cruz de Caravaca. In: **Velas Ciganas**. 2024. Disponível em: <https://www.velascigana.com.br/loja/velas/velas-artesanais/cruz-de-caravaca/?v=2150d4adf1ab>. Acesso em 15 de maio de 2024.

Demônio com que Dr. Johann Fausto teria feito um pacto. In: Quem é Mefisto e como ele influencia a cultura pop. **O Diabo mora nos detalhes**. 2022. Disponível em: <https://darkside.blog.br/quem-e-mefisto-e-como-ele-influencia-a-cultura-pop/>. Acesso em: 2 de mar. 2024.

DOLANSKY, Shawna. How the Serpent in the Garden Became Satan. In: Dolansky, Shawna. Biblical Archaeology Society. Washington, 14 de julho 2024, Disponível em: <https://www.biblicalarchaeology.org/daily/biblical-topics/bible-interpretation/how-the-serpent-in-the-garden-became-satan/>. Acesso em 21 de outubro de 2024.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2023.

ECO, Umberto. **A história da feiura**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Tradução Fernando Tomaz, Natália Nunes. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022.

Exorcistas no Brasil. **Associação Internacional dos Exorcistas**. 2023. Disponível em: <https://aiebrasil.org.br/index.php/exorcistas/>. Acesso em: 1 mar. 2023.

Facebook Padre Marcelo Rossi. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/padremarcelorossi/photos/a.336799053035194/1110268462354912/?type=3&locale=pt_BR. FACEBOOK. 27 jun. 2016. Acesso em: 3 jun. 2024.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment, 1993. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1993.

FORTEA, José Antonio, *Symma Daemoniaca*. Editorial Dos Latidos, España, 2004.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes Limitada, v. 3, 2013.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.

HESÍODO. **Teogonia/Trabalhos e dias**. Prefácio Maria Helena da Rocha Pereira. Introd., trad. e notas Ana Elias Pinheiro; José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras 1995.

Ilustração de Gustave Doré — Lucífer. 2019. Disponível em: <https://elevados.tumblr.com/post/182826336230/gustave-dore%C3%A9-lucifer-illustration-for-dante>. Acesso em 02 de mar. 2024.

Ilustração de Gustave Doré — Lucífer. **WIKIART**, Enciclopédia das Artes Visuais. 2020. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/gustave-dore/o-paraiso-perdido-5>. Acesso em: 2 de mar. 2024.

IÑIGUEZ, Lupicinio. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.

Jóia medieval: **A Tapeçaria do Apocalipse**. 2022. Disponível em: <https://gotha.com.br/joia-medieval-a-tapeçaria-do-apocalipse/>. Acesso em: 18 fev. 2023.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LEACH, Edmund R. **“Ritualization in man in relation to conceptual and social development”**. Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences, London, v. 251, n. 772: 403-408, 1966.

LEROI-GOURHAN, André. *Les racines du monde*. Paris: Pierre Belfond (Collection Le Livre de Poche), 1989. Trabalho original publicado em 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**: mitológicas I. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. São Paulo: Nacional, 1976.

LEWIS, Ioan M. **Êxtase Religioso**. São Paulo: Perspectiva S. A., 1977.

LIBÂNIO, João Batista. **A Religião do Início do Milênio**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LIBÂNIO, João Batista. **Crenças religiosas, fanatismo e secularidade na América Latina**. Perspectiva Teológica. Belo Horizonte, v. 40, n. 110, p. 55-76, jan./abr., 2008.

LUTZ, Henry Frederick. **Selected Sumerian and Babylonian Texts**. Volumes 1-2 de Babylonian Section: Publications of the Babylonian Section, Pa. / Museum University of Pennsylvania Philadelphia, 1919.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Religiosidade popular brasileira colonial**: um retrato Sincrético. Revista *Ágora*, Vitória, n. 7, p.2-20, 2008.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, v. 1, 2014.

MARQUES, Sabrina. A primeira Universal. 2017. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/a-primeira-universal/>. Acesso em: 14 maio 2024.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, Parte 6, p. 399-422, 2003.

MELLO E SOUZA, LAURA. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **As origens modernas das ciências da religião**. IN: COUTO, Teixeira Faustino Luiz (ed.). A(s) ciência(s) da religião no Brasil: Afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, p. 142-150, 2001.

MUCHEMBLEND, Robert. **Uma história do diabo**: séculos XII-XX. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2014.

O Livro de Enoque. Editora: Clube de Autores, 2020.

O Livro dos Jubileus. Traduzido para o português por L. F. S. Prado, 2012.

ORO, Ari Pedro. **“Podem passar a sacolinha”**: Um estudo sobre as representações do dinheiro no Pentecostalismo Autônomo brasileiro atual. Revista *Eclesiástica Brasileira*, v. 53, n. 210, p. 301-323, 30 jun. 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v53i210.2773>. Acesso em: 5 jul., 2023.

Osso esculpido há 51 mil anos pode ser obra de arte mais antiga do mundo. **Revista Veja**, 6 de julho de 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/osso-esculpido-ha-51-mil-anos-pode-ser-obra-de-arte-mais-antiga-do-mundo>. Acesso em: 30 jun. 2024.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Editora: Zahar, 2003.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2013.

POR QUE Brasil está no topo de ranking de países onde mais se acredita em Deus - **BBC News Brasil**. 22 maio 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o>. Acesso em: 6 jun. 2024

PRIORE, Mary del. **Religião e Religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Ática, 1994.

Pronto-socorro colonial - A Igreja se rende aos índios, In: **História Viva**. 2012. Disponível em: http://historianovest.blogspot.com/2012/09/pronto-socorro-colonial-igreja-se-rende_7953. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

RICOUER, Paul. **A simbólica do mal**. Lisboa: Edições 70, 2013.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. Revisão e prefácio de Homero Pires. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

ROSSI, Juli. **Êxtase de santa Teresa Bernini**. 2013. Disponível em: <http://julirossi.blogspot.com/2013/05/extase-de-santa-teresa.html>. Acesso em: 1 mar. 2023.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; PERONDI, Ildo. **Rito, mito e símbolo como fenômenos religiosos e sociológicos**. Curitiba: InterSaber, 2020.

RUUTH, Anders; RODRIGUES, Donizete. **Deus, o demônio e o homem**: o fenômeno Igreja Universal do Reino de Deus. Coleção Sociologia e antropologia. Volume 1 de Sociologia e antropologia. Famões: Edições Colibri, 1999.

SANTO Forte Pictures. In: **Rotten Tomatoes**. 2000. Disponível em: https://www.rottentomatoes.com/m/santo_forte/pictures. Acesso em: 4 jun. 2024.

SCHECHNER, Richard. **Performers e Espectadores**: Transportados e Transformados. In Revista Moringa Artes do Espetáculo. Vol 2. N1. 2011.

SOARES, Denisson Antunes. Como o Diabo mudou de cara e função ao longo dos séculos. 2021. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/120409-como-o-diabo-mudou-de-cara-e-funcao-ao-longo-dos-seculos.htm>. Acesso em: 1 mar. 2023.

SOUZA, Patricia Rodrigues de. **Religião Material**: O Estudo das Religiões a partir da Cultura Material. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2019.

TOSCANO, Roque. **Renovação Carismática Católica na Perspectiva do Outro: Um olhar de fora para dentro.** 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2001. Disponível em: <http://localhost:8080/tede/handle/tede/927>. Acesso em: 13 dez. 2023.

TURNER, Victor W.. **Processo ritual: Estrutura e antiestrutura.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

USARSKI, Frank. **História da ciência da religião.** In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (Orgs.). *Compêndio de ciência da religião.* São Paulo: Paulus; Paulinas, p.51-62, 2013.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos religiosos.** In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (Orgs.). *Compêndio de ciência da religião.* São Paulo: Paulus; Paulinas, p.513-524, 2013.

VICTOR MEILRELLES: Primeira missa no Brasil, 1860. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes. In: **A primeira missa: Veja 8 curiosidades sobre a obra de Victor Meirelles.** 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/primeira-missa-veja-8-curiosidades-sobre-obra-de-victor-meirelles.phtml>. Acesso em: 12 set. 2023.

WILKINSON, Tracy. **Os exorcistas do Vaticano.** A verdadeira história dos padres que expulsam o diabo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

WULF, Christoph. **Antropologia da Educação.** Campinas: Alínea. 2005.